

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

O MONUMENTO PRÉ-HISTÓRICO DE TITUARIA, MOINHOS DA CASELA (MAFRA)⁽¹⁾

João Luís Cardoso⁽²⁾, Manuel Leitão, O. da Veiga Ferreira, C. T. North, J. Norton, J. Medeiros & P. Fialho de Sousa

1 - INTRODUÇÃO

O monumento pré-histórico da Tituaria, perto dos moinhos de Casela (Mafra), fica situado em pequena colina cerca de 1000 m a Noroeste da povoação de Póvoa da Galega e a Norte da chaminé vulcânica do Cabeço de Montachique (Fig. 1). O local onde se encontra implantado é, do ponto de vista geológico, constituído por arenitos do Kimmeridgiano, andar do Jurássico superior (Ja IV).

A identificação do monumento, ainda parcialmente enterrado no *tumulus*, que constituía pequeno montículo artificial, foi efectuada no decurso dos levantamentos geológicos da folha de Loures, na escala de 1/50000, por G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira. Na altura, da estrutura afloravam apenas duas fiadas concêntricas de ortóstatos, destinadas a suportar o *tumulus*, em discordância com a orientação geral das camadas geológicas, no local com a direcção de Este-Oeste. Tal circunstância levou à conclusão de que se tratava de estrutura pré-histórica, justificando a escavação sistemática, a qual se veio a realizar no Verão de 1978 sob a égide dos Serviços Geológicos de Portugal. Mais de quinze anos volvidos, o espólio recolhido permanecia por estudar; tal facto motivou a presente publicação, resultante do convite que M.L. e O.V.F. endereçaram ao primeiro signatário para que procedesse ao seu estudo, com base nos registos de campo coordenados por ambos, a quem coube a coordenação dos trabalhos de campo, em que participaram C.T.N., J.N., J.M. e P.F.S. Agradece-se ainda à Câmara Municipal de Mafra a cedência de operários durante os trabalhos de campo.

2 - TRABALHOS REALIZADOS

A escavação decorreu de 31 de Julho a 10 de Agosto de 1978, num total de dez dias úteis, no decurso dos quais foi posto a descoberto um monumento do tipo *tholos*, encontrando-se bem conservada a respectiva estrutura, cuja planta esquemática, até ao presente, era o único elemento publicado, a par de esboços de algumas das peças exumadas (FERREIRA & LEITÃO, s/d), além de uma conta que, pelas suas notáveis características, justificou prévia divulgação (CARDOSO *et al.*, 1987).

⁽¹⁾ Texto e coordenação de J.L.C., com base em registos de campo de M.L. A informação astronómica é de P.F.S.

⁽²⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.



Fig. 1 – Localização do *tholos* da Tituaria na Península Ibérica (em cima) e na Carta Militar na escala de 1/25000, folha 403 (cada lado da quadrícula mede 1 Km).

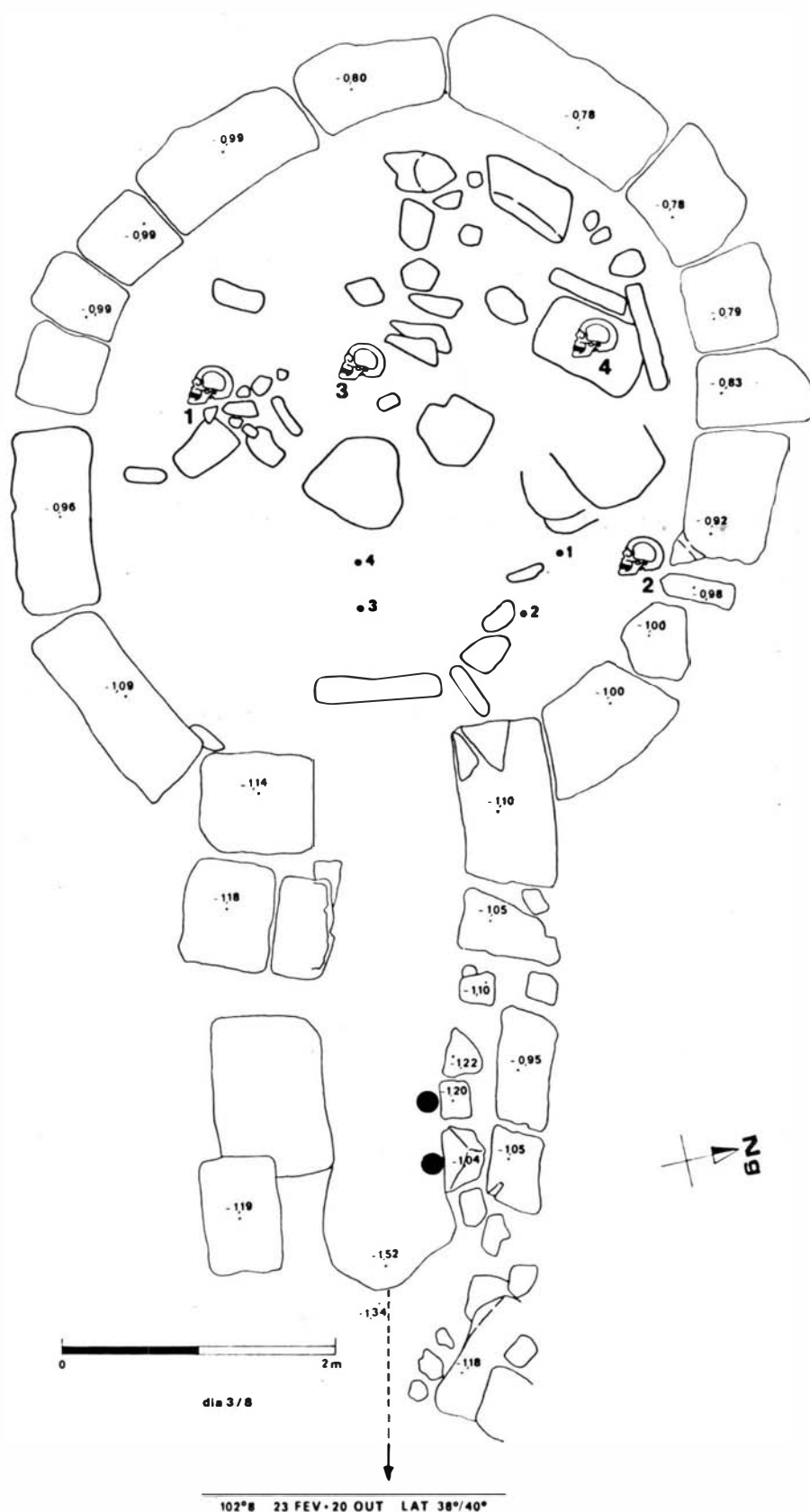


Fig. 2 – *Tholos* da Tituaria (1978). Planta da área escavada no fim do 4.º dia de trabalho (3/8/78), na zona da câmara do monumento, com quatro conjuntos osteológicos identificados e a localização de materiais exumados. Nível superior, correspondente às tumulações campaniformes. Os círculos negros indicam os dois ortóstatos do corredor com “covichas”.

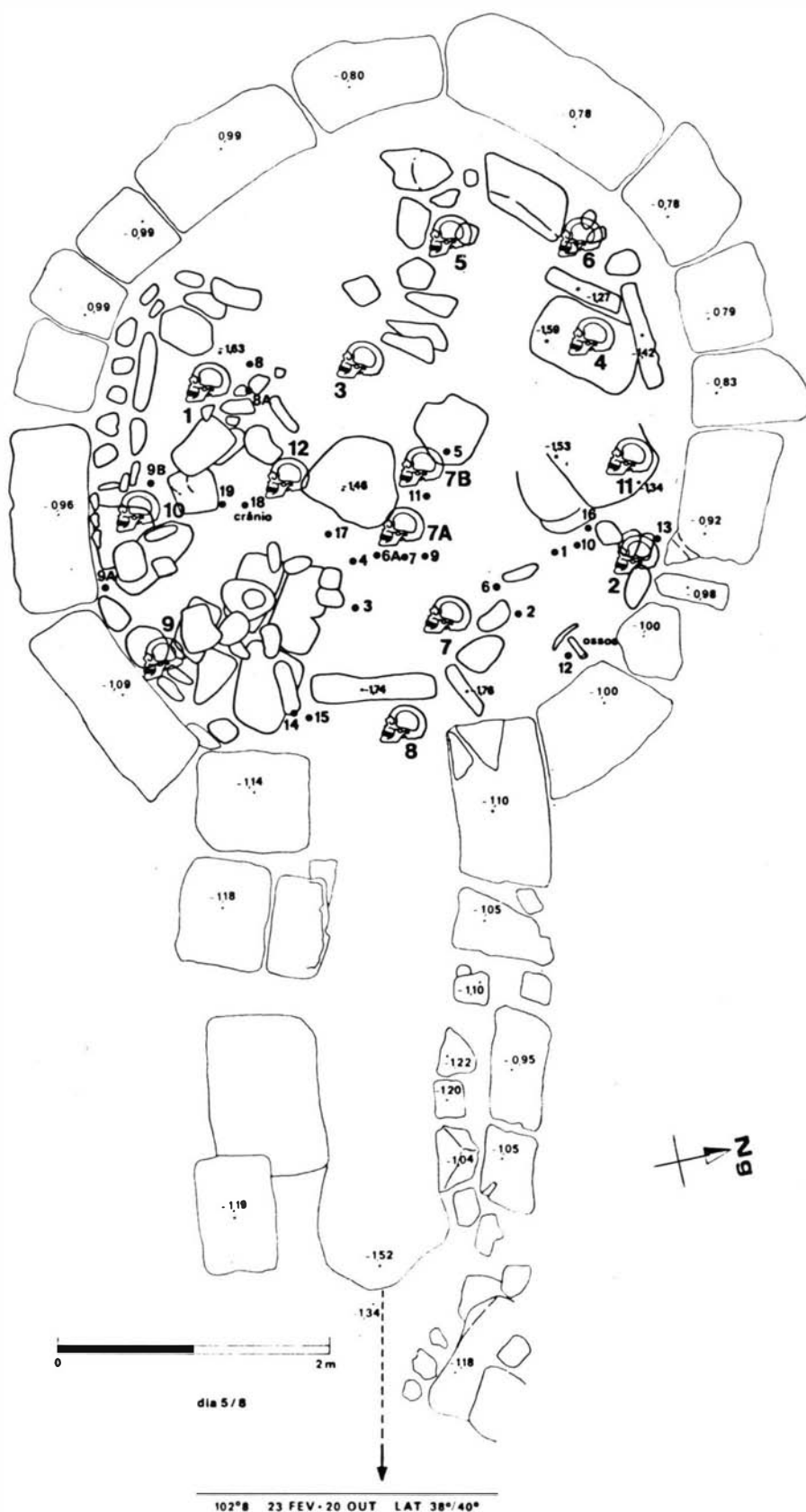


Fig. 4 – Tholos da Tituaría (1978). Planta da área escavada na câmara do monumento ao fim do 6.º dia de trabalho (5/8/78), com o aumento de 10 para 12 dos conjuntos osteológicos identificados e a localização dos materiais exumados nesse dia (10 em diante). Nível superior, correspondente às tumulações campaniformes.

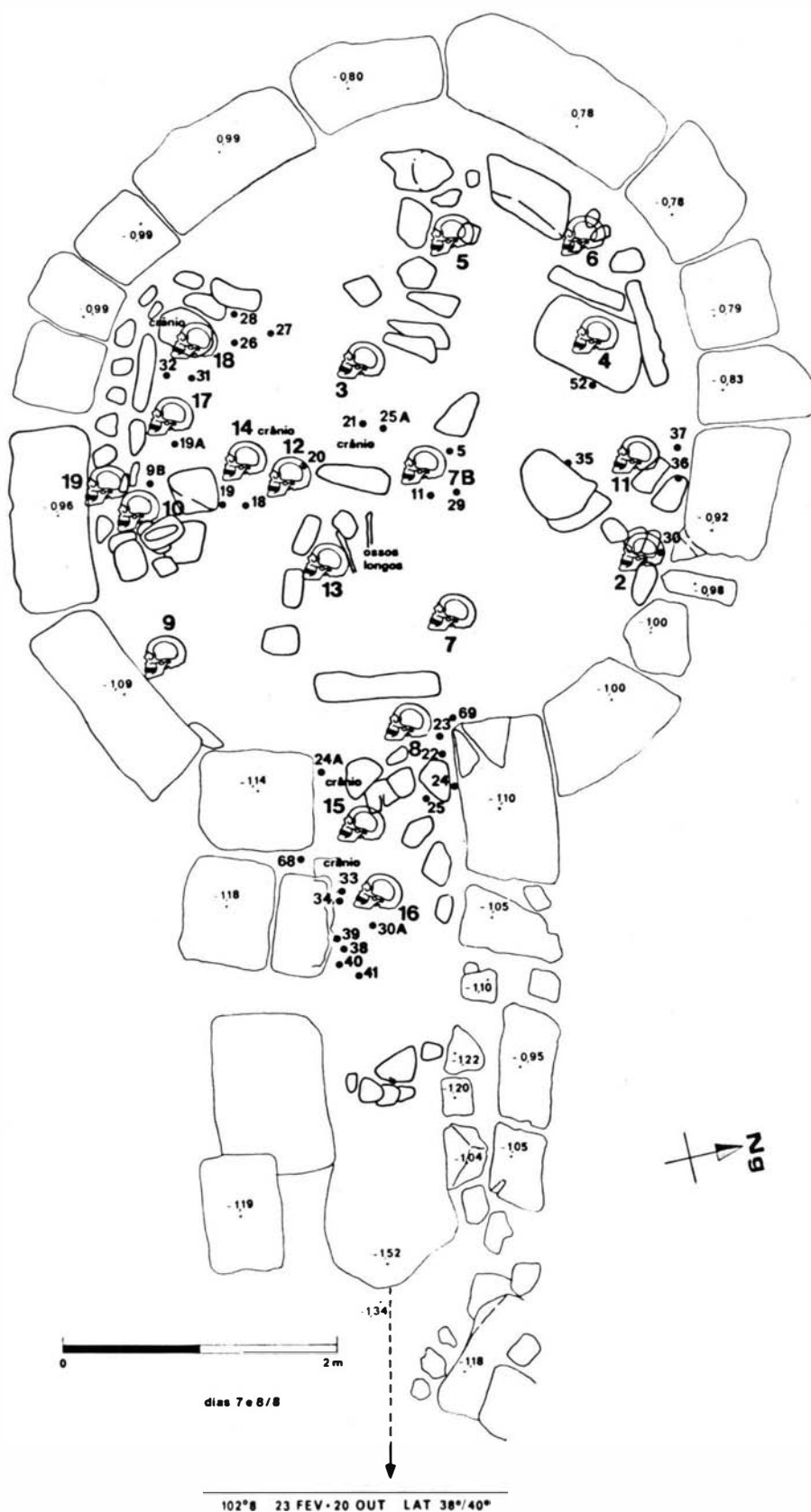


Fig. 5 – *Tholos* da Tituaria (1978). Planta da área escavada na câmara do monumento e início da escavação do corredor, nos 7.º e 8.º dias de trabalho (7 e 8/8/78), com o aumento de 12 para 19 dos conjuntos osteológicos identificados e a localização dos materiais exumados nesses dois dias (20 em diante). Nível superior e intermédio (do lado sul da câmara, correspondente aos conjuntos 10, 17, 18 e 19), ambos integrando tumulações campaniformes.

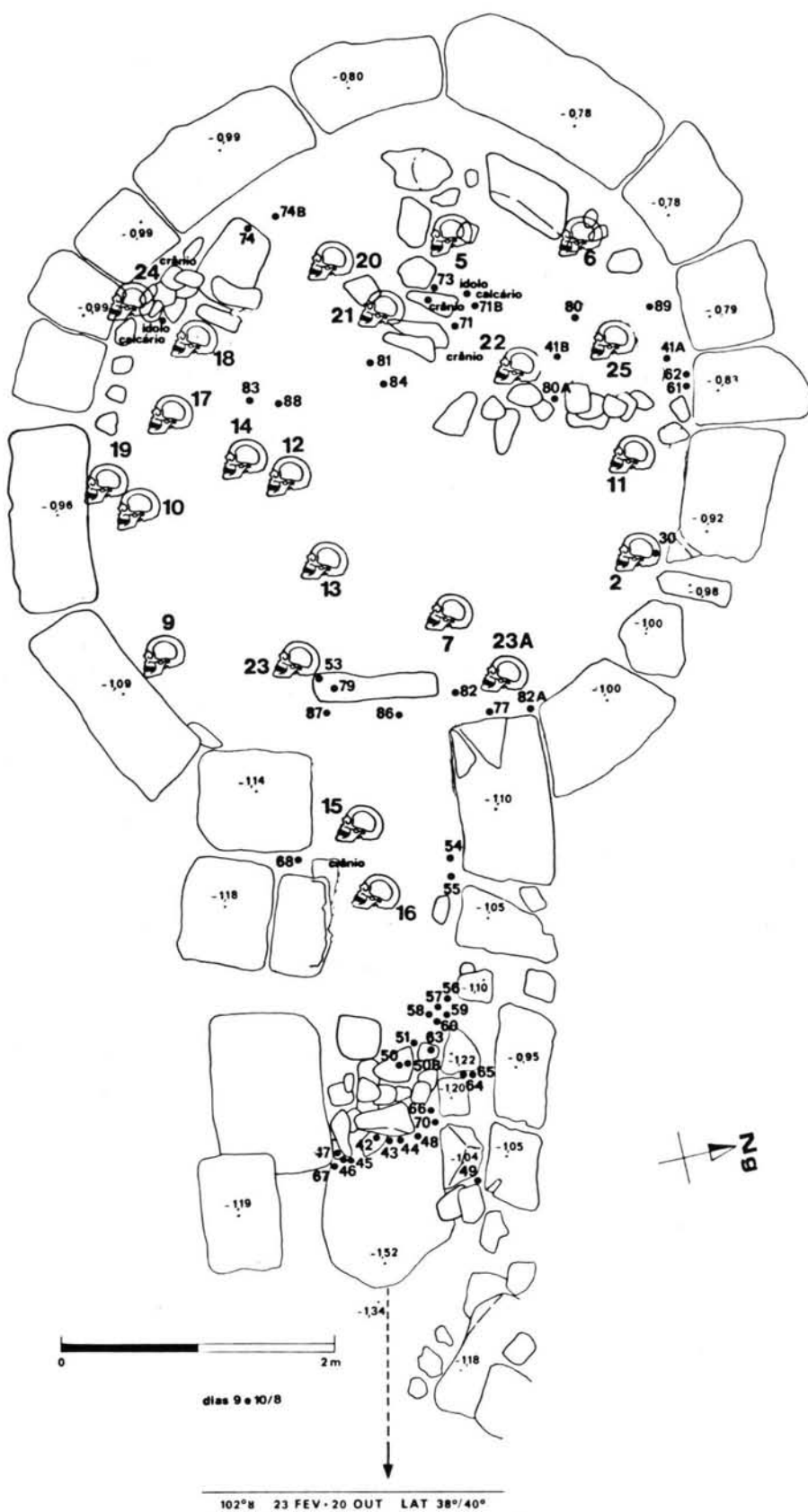


Fig. 6 – *Tholos* da Tituaria (1978). Planta da área escavada na câmara e corredor do monumento, nos 9.º e 10.º dias de trabalho (9 e 10/8/78), com o aumento de 19 para 25 dos conjuntos osteológicos identificados e a localização dos materiais exumados nesses dois dias (41A em diante). Nível inferior da câmara, correspondente às tumulações pré-campaniformes e superior no corredor, cuja escavação foi então terminada, correspondente à ocupação campaniforme do monumento.

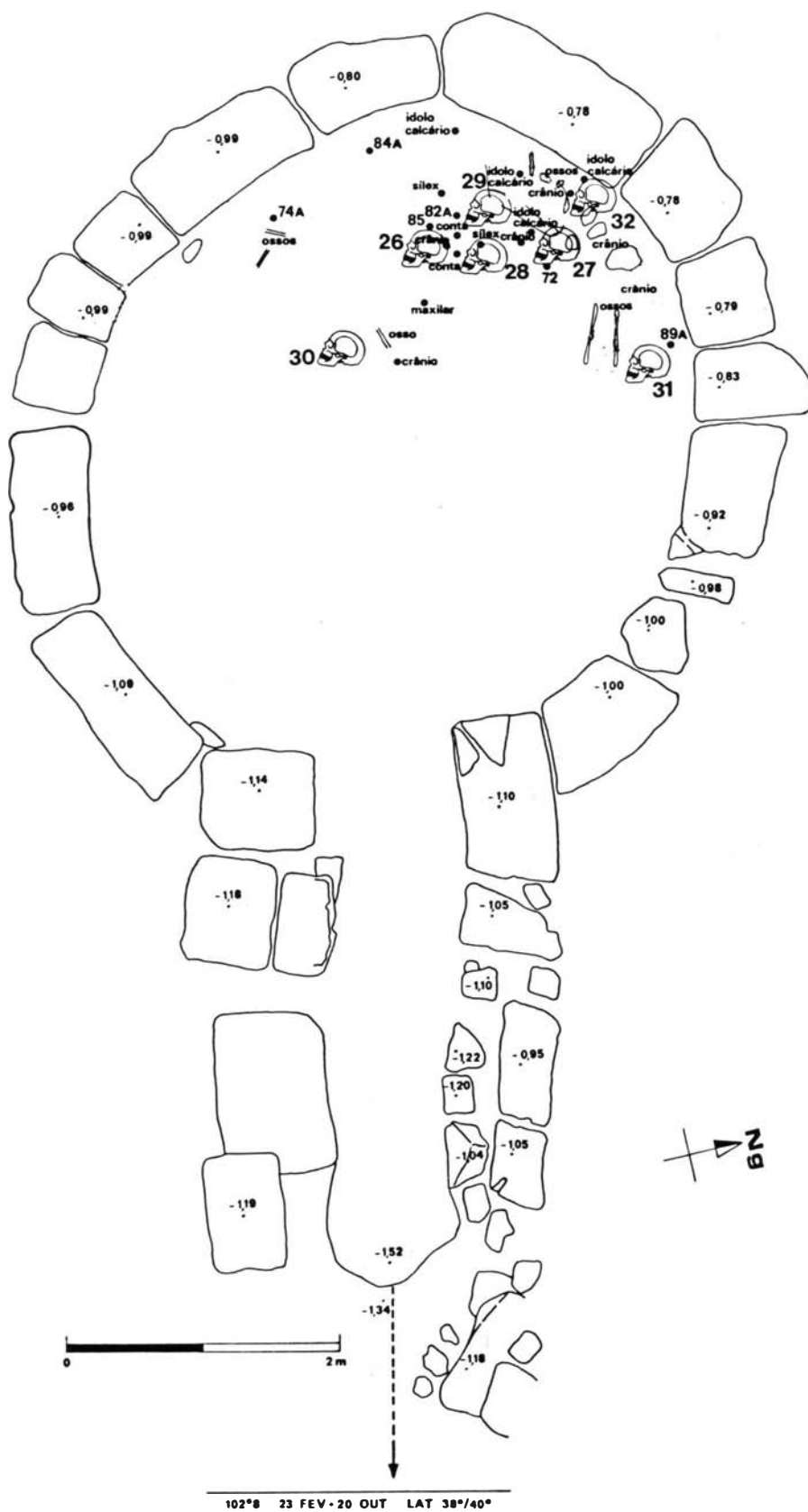


Fig. 7 – Tholos da Tituaria (1978). Materiais exumados no fundo da câmara do monumento e no seu nível inferior, correspondendo à parte subjacente do conjunto representado na Fig. anterior. Tal concentração resulta da remoção das posições primitivas das peças do espólio, em consequência da violação da câmara do monumento em época anterior à instalação da necrópole campaniforme.



Fig. 8 – *Tholos* da Tituaria (1978). Elementos que participaram ou visitaram os trabalhos. Da esquerda para a direita: em baixo - P. Fialho de Sousa, J. Medeiros, M. Leitão e C. T. North; em cima - O. da Veiga Ferreira, C. Penalva, J. Norton, J. L. Cardoso e G. Zbyszewski.



Fig. 9 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista geral de escavação, no início dos trabalhos. Foto de J. Medeiros.

Relatório diário da progressão dos trabalhos e dos materiais encontrados

31/7 - limpeza da superfície da mamoa;

1/8 - investigação do quadrante noroeste do monumento, evidenciando-se coroa de blocos, correspondente a anel de sustentação externo do montículo artificial;

2/8 - aprofundamento da câmara do monumento. Identificação de quatro conjuntos de lajes estruturadas: **H 1**; **H 2**; **H 3**; **H 4** (Fig. 17);

3/8 - no quadrante nordeste do monumento recolheram-se os seguintes materiais (ver Figs. 2 e 3):

nº. 1 - fragmento de vaso liso (**com H 2**)

nº. 2 - grande taça lisa completa (Fig. 45, nº. 5)

nº. 3 - fragmento de taça tipo lisa

nº. 4 - esférico com espiral incisa (Fig. 57, nº. 1)

Com **H 4** relacionou-se fragmento de pequeno esférico liso, sem nº. de inventário (Fig. 49, nº. 6) e um outro, de maiores dimensões, globular (Fig. 50, nº. 4) além de pequena taça lisa (Fig. 51, nº. 2);

4/8 - no quadrante noroeste, junto da parede da câmara, identificaram-se duas sepulturas estruturadas (Fig. 3):

H 5 e **H 6**;

na zona central, três conjuntos mortuários mal definidos:

H 7; **H 7A**; **H 7B**;

e no lado oriental, junto da entrada do corredor:

H 8. Em relação com este conjunto, um pequeno fragmento esférico liso, sem número de inventário (Fig. 49, nº. 3).

Os materiais foram recolhidos nos locais indicados na Fig. 3:

nº. 5 - fragmento de taça lisa;

nº. 6 - grande taça lisa;

nº. 6A - taça lisa incompleta, relacionada com **H 7A**;

nº. 7 - grande taça tipo Palmela, com decoração incisa de cervídeos (Fig. 56, nº. 3; Fig. 58);

nº. 8 - fragmento de bordo de pequena taça tipo Palmela com decoração pontilhada (Fig. 60, nº. 3, relacionada com **H 1**;

nº. 8A - três fragmentos de chapa de ouro de possível diadema, com decoração repuxada a pontilhado (Fig. 44, nº. 8), relacionados com **H 1**;

nº. 9 - fragmento de taça lisa, relacionada com **H 7A**;

5/8 - fecha-se o circuito da câmara com a escavação do quadrante de sudeste e parte do de sudoeste; identificaram-se os seguintes conjuntos osteológicos (Fig. 4):

H 9, junto à parede da câmara (Fig. 19 e 20); em relação com esta tumulação, pequena taça lisa incompleta (Fig. 47, nº. 3) e dois fragmentos de esféricos lisos (Fig. 49, nº. 4; Fig. 49, nº. 7), ambos sem número de inventário;

H 10, também encostado à parede da câmara, com alguns ossos de criança, uma placa plana e um pequeno cilindro de calcário (Fig. 42, nº. 1);

nº. 9A - pequena placa lisa, e plana, muito erodida (Fig. 41, nº. 2);

nº. 9B - pequeno cilindro de calcário (Fig. 42, nº. 1);

H 11, no lado oposto de **H 10**, junto à parede nordeste da câmara; deste nível provêm os seguintes objectos (Fig. 4 e 5):

nº. 10 - pequena taça lisa (Fig. 47, nº. 4);

nº. 11 - fragmentos de três pequenas taças lisas, entre **H 7A** e **H 7B** (Fig. 47, nº. 5; Fig. 51, nº. 1 e Fig. 52, nº. 3) e de dois pequenos esféricos lisos (Fig. 52, nº. 4 e 5), todos desprovidos de nº. de inventário;

nº. 13 - fragmentos de pequeno esférico liso (Fig. 49, nº. 8) e de pequena taça lisa, junto de **H 2** (Fig. 47, nº. 2);



Fig. 10 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista da entrada do corredor, em fase intermédia da respectiva escavação. Observam-se os numerosos blocos lagiformes, nalguns casos imbricados, resultantes de derrubes da respectiva cobertura, e ainda três “fossettes” em ortóstato do lado direito da entrada no corredor. Foto de M. Leitão.



Fig. 11 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista da entrada do corredor, depois da completa a sua escavação. Observe-se, em último plano, a grande lage tombada para o interior da câmara, servindo primitivamente de padieira à porta da entrada na câmara. Observem-se ainda as “fossettes” do ortóstato assinaladas na legenda da Fig. 10. Foto de M. Leitão.

- nº. 14 - vaso “internacional” (Fig. 57, nº. 3), com fragmento de pequena taça lisa (Fig. 47, nº. 1) no interior (nº. 15); relacionado com **H 8**;
- nº. 15 - pequena taça lisa, no interior do vaso nº. 14;
- nº. 16 - fundo de grande taça tipo Palmela, com decoração em forma de estrela, a pontilhado, em torno do “omphalus” (Fig. 55, nº. 2); relacionada com **H 2**;
- nº. 17 - placa de calcário plana, de contorno curvilíneo e decorada (Fig. 41, nº. 3), relacionada com **H 12**;
- nº. 18 - fragmento de taça de cerâmica negra, relacionada com **H 14** (Fig. 5);
- nº. 19 - fragmentos do mesmo vaso do nº. 18, também relacionadas com **H 14** (Fig. 5);

7/8 e 8/8 - continuou-se a exploração da zona a Sudeste do centro da câmara, tendo-se identificado os seguintes conjuntos (Fig. 5):

H 13, com ossos longos conservados;

H 14, com restos de ossos cranianos;

Concluiu-se a exploração da zona norte, correspondente a **H 11**:

Iniciou-se a exploração do corredor, a partir da câmara do monumento. Os ortóstatos que o definiam encontravam-se a cotas inferiores, razão pela qual esta parte do monumento foi a última a ser identificada e escavada. Ali se reconheceram os seguintes conjuntos osteológicos, à entrada do corredor:

H 15 e H 16, ambos integrando fragmentos cranianos.

Aprofundou-se a escavação na zona de **H 14**, atingindo-se camada subjacente, terrosa, separando o conjunto superior, com tumulações campaniformes e numerosos blocos caídos da falsa cúpula, do conjunto inferior, pré-campaniforme. Os conjuntos osteológicos **H 10** (já referido) e **H 17, H 18 e H 19** foram encontrados nesta camada, sendo já de época campaniforme. Os materiais encontrados nestes diferentes contextos foram os seguintes (Fig. 5):

- nº. 19A - placa de contorno sub-trapezoidal incurvada (Fig. 41, nº. 59); relacionada com **H 17**;
- nº. 20 - taça lisa, de cerâmica anegrada, com “omphalus”; relacionada com **H 12**;
- nº. 21 - fragmento de esférico;
- nº. 22 - fragmento de esférico; relacionado com **H 15** (Fig. 52, nº. 1);
- nº. 23 - fragmento de grande recipiente em forma de saco, decorado por conjunto de impressões spatuladas (Fig. 60, nº. 13);
- nº. 24 - fragmento de taça lisa; relacionada com **H 15**;
- nº. 24A - fragmento de esférico liso; relacionado com **H 15**;
- nº. 25 - fragmento de esférico liso; relacionado com **H 15**;
- nº. 26 - fundo liso de vaso campaniforme; relacionado com **H 18** (Fig. 48, nº. 5);
- nº. 27 - fragmento de taça lisa; relacionada com **H 18**;
- nº. 28 e 29 - *idem*; relacionadas com **H 18**;
- nº. 30 - fragmento de taça de paredes espessas, com falta do fundo (Fig. 45, nº. 3);
- nº. 30A - fragmento de taça lisa; relacionada com **H 16**;
- nº. 31 - taça em calote com decoração campaniforme (Fig. 57, nº. 2);
- nº. 31A - ponta de seta de cobre tipo Palmela (Fig. 28; Fig. 44, nº. 13);
- nº. 32 - fragmento de esférico; relacionado com **H 17**;
- nº. 33 e 34 - fragmentos de taças lisas; relacionadas com **H 16**;
- nº. 35 - fragmento de esférico; relacionado com **H 11**;
- nº. 36 - fragmento de vaso “marítimo” com decoração a pontilhado (Fig. 56, nº. 2); relacionado com **H 11**;
- nº. 37 - taça tipo Palmela, com decoração a pontilhado (Fig. 59, nº. 1); relacionada com **H 11**;
- nº. 38 - caçoila de ombro, de pequenas dimensões com decoração a pontilhado (Fig. 55, nº. 19); relacionada com **H 16**;
- nº. 39 e 40 - vasos lisos, junto do nº. 38; relacionados com **H 16**;
- 39A - fragmento de placa de xisto (Fig. 41, nº. 1);
- nº. 41 - pequena taça em calote, com decoração a pontilhado campaniforme; relacionada com **H 16** (Fig. 13, nº. 7);



Fig. 12 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista parcial da parte proximal da parede norte do corredor, observando-se dois (actualmente dois, mas provavelmente na origem apenas um, fracturado por causas naturais) ortóstatos com depressões circulares (“fossettes”). Foto de M. Leitão.



Fig. 13 – *Tholos* da Tituaria (1978). Outro aspecto dos dois ortóstatos com “fossettes” (ver Fig. anteriores). Foto de M. Leitão.

9/8 e 10/8 - foi aprofundada a escavação na câmara e prosseguiu a do corredor, em direcção da entrada. Na câmara, surgiram os seguintes materiais e conjuntos osteológicos (Fig. 6):

H 20, a Oeste do centro da câmara;

H 21, em local adjacente a **H 20**;

H 22, a Norte dos dois anteriores, perto do centro, com fragmento de taça tipo Estoril e uma lâmina ovóide de retoque cobridor:

n.º 41A - fragmento de taça tipo Estoril com decoração a pontilhado (Fig. 60, n.º 8);

n.º 41B - lâmina ovóide de retoque cobridor (Fig. 40, n.º 10);

Com **H 21** poderão relacionar-se os seguintes objectos (Fig. 6):

n.º 71 - pequeno fragmento de taça de lábio convexo espessado (Fig. 50, n.º 80), associado a fragmento de taça lisa, com ténue canelura sob o bordo (Fig. 48, n.º 10);

n.º 71A - lâmina muito estreita de sílex cinzento (Fig. 39, n.º 1);

n.º 73A - cilindro de calcário (Fig. 43, n.º 1);

n.º 73 - fragmento de vaso liso;

n.º 81 - alisador-brunidor, de arenito vermelho muito fino (Fig. 44, n.º 11);

n.º 84 - lâmina ovóide de sílex de retoque cobridor (Fig. 39, n.º 6);

A **H 20** reportam-se:

n.º 74 - fragmento de grande vaso liso, grosseiro;

n.º 74A - conta discóide de calcite, com perfuração bicónica (Fig. 44, n.º 3);

Isolados no interior da câmara (Fig. 6):

n.º 83 - ponta de seta pedunculada de sílex, alterada, talvez pelo calor, na metade distal (Fig. 40, n.º 8), associada aos seguintes objectos:

n.º 88 - conta de tipo troiano, de mineral verde (Fig. 44, n.º 4), já publicada (CARDOSO *et al.*, 1987).

Por debaixo da extremidade sul da pedra caída transversalmente à entrada da câmara, identificou-se o conjunto osteológico (Fig. 6):

H 23, associado a fragmento de taça lisa, sem n.º de inventário (Fig. 51, n.º 6) e a esférico de pequenas dimensões:

n.º 53 - esférico de pequenas dimensões, parede espessa e com um conjunto de perfurações (de suspensão?) junto do bordo (Fig. 45, n.º 1);

Este recipiente jazia ao mesmo nível dos seguintes (Fig. 6):

n.º 79 (igualmente sob a pedra) - taça lisa de parede rugosa e porosa (Fig. 52, n.º 2);

n.º 86 - pequeno percutor ou isqueiro de sílex cinzento (Fig. 39, n.º 2);

n.º 87 - fragmento de esférico liso (Fig. 53, n.º 13);

Do lado direito da entrada da câmara, jazia o conjunto osteológico **H 23A**, o qual integrava os seguintes artefactos (Fig. 6):

n.º 69 - fragmento de taça lisa;

n.º 75 - grande taça lisa completa (Fig. 53, n.º 14);

n.º 76 - ponta de seta de sílex esbranquiçado de base côncava (Fig. 40, n.º 6);

n.º 78 - esférico liso incompleto, limitado à zona do bordo (Fig. 49, n.º 2);

n.º 82 - enxó votiva de calcário, fragmentada no cabo e muito erodida (Fig. 42, n.º 4);

n.º 82A - provável esboço de lâmina ovóide de retoque cobridor, toscamente desbastada, de calcedónia amarelada translúcida (Fig. 39, n.º 4);

Encostado à parede da câmara, no seu quadrante sudeste, identificou-se o conjunto osteológico:

H 24, com o ídolo calcário (Fig. 6, n.º 32A), representado na Fig. 42, n.º 2;

No sector de Noroeste da câmara, sob **H 14** (ver Fig. 2), identificou-se o conjunto osteológico:

H 25, acompanhado de taça tipo Palmela completa:

n.º 52 - taça de tipo Palmela completa, decorada a pontilhado (Fig. 59, n.º 3), acompanhada de pequeno esférico liso, fragmentado, sem n.º de inventário (Fig. 51, n.º 3);

Junto à parede adjacente a **H 25** recolheu-se (Fig. 5):



Fig. 14 – *Tholos da Tituaria* (1978). Em primeiro plano, vista da parte proximal do corredor, aberto para ESE, depois de escavado. Observe-se o aspecto da paisagem envolvente, caracterizada por relevos suaves, de pequenas colinas. Foto de J. Norton.

- nº. 41C - conta de mineral verde com perfuração bicónica (Fig. 44, nº. 1); a esta conta encontrava-se associada:
nº. 89 - lâmina incompleta com retoques marginais, de sílex (Fig. 40, nº. 1).

Ainda associados a **H 25** encontravam-se os seguintes artefactos:

nº. 41D - recipiente de osso cilíndrico decorado com linhas incisais formando losangos, preenchidos interiormente (Fig. 40, nº. 11);

nº. 80 - fragmento esférico liso, com falta do fundo (Fig. 45, nº. 4);

nº. 61 e 62 - fragmentos de duas taças lisas; jaziam encostadas à parede da câmara.

Com o prosseguimento da escavação no corredor, recolheram-se numerosos artefactos na zona da entrada, prolongando-se pela área escavada nos dias anteriores. A esta, pertencem dois fragmentos de esféricos nº. 54 e 55; à zona da entrada do corredor reportam-se os seguintes artefactos (Fig. 6):

nº. 42 - vaso campaniforme decorado a pontilhado (Fig. 56, nº. 4);

nº. 43 - fragmento de vaso campaniforme (Fig. 60, nº. 6);

nº. 44 - *idem* (Fig. 60, nº. 12);

nº. 45 - taça lisa, com taça 46 no interior (Fig. 24; Fig. 46, nº. 3);

nº. 46 - taça lisa, com taça 47 no interior (Fig. 24; Fig. 46, nº. 2);

nº. 47 - taça lisa, no interior das duas anteriores (Fig. 24; Fig. 46, nº. 1);

nº. 48 - vaso campaniforme inciso (Fig. 56, nº. 1);

nº. 49 - fragmento de taça lisa, à na entrada do corredor;

nº. 50 - fragmento de taça campaniforme incisa (Fig. 59, nº. 2);

nº. 50A - lâmina ovóide de retoque cobridor de sílex esbranquiçado (Fig. 37, nº. 7);

nº. 51 - fragmento de esférico liso (Fig. 49, nº. 5), associado a fragmento de taça de paredes sub-verticais, com ligeira depressão sob o bordo (Fig. 50, nº. 7);

nº. 54 - fragmento de taça de coloração avermelhada;

nº. 55 - fragmento de taça lisa;

nº. 56 a nº. 60 - fragmentos de cinco taças e vasos lisos;

nº. 63 a nº. 67 - fragmentos de cinco taças e vasos lisos;

nº. 68 - pequena taça lisa (Fig. 45, nº. 2);

nº. 70 - taça lisa, incompleta;

O fundo da câmara conservava espólio apenas no quadrante de Noroeste, o único que não sofreu com a violação do interior do monumento, ocorrida em época anterior à sua ocupação campaniforme. Os materiais exumados podem relacionar-se com seis tumulações efectuadas sobre o chão primitivo, **H 26 a H 31** (Fig. 7):

nº. 72 - fragmento de esférico liso; relacionado com **H 27** (Fig. 49, nº. 1);

nº. 84A - ponta de seta com pedúnculo robusto e barbelas laterais de sílex esbranquiçado (Fig. 40, nº. 7);

nº. 85 - lamela de quartzo hialino (Fig. 40, nº. 2);

nº. 86 - fragmento de lâmina de sílex esbranquiçado-rosado, com bordo denticulado e com brilho de utilização (Fig. 39, nº. 5);

nº. 89A - lâmina ovóide de retoque cobridor de sílex acinzentado (Fig. 39, nº. 9);

Foi neste sector da câmara, sobre o chão primitivo, que jazia a maior parte dos ídolos de calcário, associados a outros artefactos e a numerosos restos ósseos, porém em tal amálgama que não foi possível isolar tumulações (Fig. 30 a 38). Alguns ossos longos ainda se encontravam nas suas posições originais indicando, aparentemente, pelo menos em um caso, deposição em decúbito dorsal (Fig. 7):

nº. 90 - cilindro de calcário de pequenas dimensões (Fig. 30, nº. 8; Fig. 42, nº. 3);

nº. 91 - cilindro de calcário, estreito e alongado, muito erodido (Fig. 30, nº. 7; Fig. 42, nº. 5);

nº. 92 - cilindro de calcário, o maior dos recolhidos (Fig. 30, nº. 3; Fig. 31; Fig. 32, nº. 1; Fig. 33, nº. 3; Fig. 34, nº. 3; Fig. 35; Fig. 43, nº. 3);

nº. 93 - ídolo fusiforme de calcário, muito erodido (Fig. 30, nº. 5; Fig. 33, nº. 5; Fig. 34, nº. 5; Fig. 36; Fig. 43, nº. 5),

nº. 94 - conta de mineral verde, globulosa (Fig. 44, nº. 5);



Fig. 15 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista da parte proximal do corredor, evidenciando-se dois pequenos ortóstatos colocados transversalmente, destinados a selar a entrada do monumento. Foto de M. Leitão.



Fig. 16 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista do corredor do monumento. Em primeiro plano, observa-se a grande lage tombada para o interior da câmara, servindo de padieira da porta entre esta e o corredor (ver Fig. 11). Em segundo plano, os dois pequenos ortóstatos que selavam o corredor, separando-o do exterior (átrio) do monumento (ver Fig. anterior). Foto de M. Leitão.

- nº. 95 - pequena conta achatada de mineral verde, com perfuração cónica (Fig. 44, nº. 6);
- nº. 96 - pequeno cilindro de calcário, de tendência tronco-cónica (Fig. 30, nº. 6; Fig. 33, nº. 6; Fig. 43, nº. 2);
- nº. 97 - provável enxó votiva de calcário, muito erodida (Fig. 30, nº. 4; Fig. 33, nº. 4; Fig. 34, nº. 4; Fig. 41, nº. 4);
- nº. 98 - cilindro de calcário (Fig. 30, nº. 2; Fig. 33, nº. 2; Fig. 34, nº. 2; Fig. 35; Fig. 43, nº. 4);
- nº. 99 - punhal de sílex cinzento-esbranquiçado, parcialmente polido e ulteriormente lascado, a partir dos bordos, que são rectilíneos nos terços inferior e médio e convexos no superior. Cuidado trabalho de lascagem por pressão e percutor apoiado; finamente retocado junto dos bordos. A base possui dois chanfos laterais opostos, para encabamento. Jazia junto dos ídolos de calcário anteriormente descritos, sobre uma pequena lage colocada horizontalmente (Fig. 30, nº. 1; Fig. 33, nº. 1; Fig. 34, nº. 1; Fig. 35; Fig. 40, nº. 11);
- nº. 100 - núcleo de cristal de rocha de lamelas (Fig. 32, nº. 3; Fig. 39, nº. 3);
- nº. 101 - pequeno seixo achatado de quartzito (Fig. 32, nº. 2; Fig. 44, nº. 12).

3 - ARQUITECTURA DO MONUMENTO

O sepulcro colectivo da Tituaria é constituído por três sectores principais, para além do *tumulus* muito erodido (Fig. 2 e 3):

- um átrio exterior, rudimentar e pouco evidente;
- um corredor (Fig. 14) provavelmente com cobertura em falsa cúpula, em forma de meia cana, como sugerem os blocos lagiformes tombados para o interior (Fig. 10), com cerca de 4,0 m de comprimento, separado do átrio por um rebaixamento do solo, e com a largura média de 0,90 m, orientado para Este-Sudeste. Possui esboço de estrangulamento da entrada. Esta encontrava-se fechada por duas pedras, colocadas verticalmente (Figs. 15 e 16), as quais teriam de ser removidas cada vez que se visitasse o interior do monumento.

Ainda na zona de entrada do corredor observaram-se, em ortóstato ulteriormente partido, diversas concavidades (“fossettes”) aparentemente intencionais, embora as geológicas de onde foi extraído bancadas, pudessem dar origem a depressões com aspecto idêntico.

Trata-se de dois conjuntos de “fossettes”, agrupados três a três, observáveis em esteio do lado setentrional da entrada do corredor, fracturado em dois (Figs. 10 a 13), o qual se encontra assinalado com dois círculos na Fig. 2. O significado destas “fossettes”, serem intencionais, não poderá dissociar-se da sua localização no monumento: situadas junto da entrada deste, poderiam enumerar a sucessão de cerimónias fúnebres ou outras, que ali tivessem tido lugar, em determinado intervalo de tempo. A sua presença em monumentos megalíticos é, aliás, bem conhecida, tanto na Beira Baixa (HENRIQUES *et al.*, 1993, Fig. 146) como no Alto Alentejo (GONÇALVES, 1992, Fot. 9) para só citar dois exemplos do território nacional:

- uma câmara aproximadamente circular, com os diâmetros máximo e mínimo de, respectivamente, 4,60 m e 4,40 m (Figs. 9 e 18), comunicando com o corredor através de uma porta baixa.

As paredes da câmara e do corredor da estrutura são constituídas por grandes blocos de arenito dispostos horizontalmente, de origem local (Figs. 21 e 22), como noutros monumentos congéneres: Pai Mogo (Lourinhã), Monge e S. Martinho (Sintra).

A orientação do monumento é a mais frequente em sepulcros colectivos neolíticos e calcolíticos, abrindo-se o corredor para nascente. Considerando os valores azimutais das coordenadas do nascer do Sol, verifica-se que, em 23 de Fevereiro e em 20 de Outubro de cada ano, o valor correspondente é o mesmo da orientação do corredor do monumento, 102,8. Desta forma, podemos admitir como provável que a construção do monumento ou, ao menos, a definição do seu traçado no terreno, tenha decorrido em um daqueles meses. Com efeito, verificou-se que os corredores dos monumentos dolménicos mais evoluídos de Reguengos de Monsaraz, coevos deste, se orientavam para nascente, enquanto os seus antecessores neolíticos evidenciavam maior variabilidade quanto à orientação (GONÇALVES, 1992).



Fig. 17 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista parcial do nível superior. Ao centro, a sepultura campaniforme 4, estruturada com lages caídas da cobertura da câmara, cuja parede se observa em primeiro plano. Foto de J. Norton.



Fig. 18 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista da escavação do nível superior da câmara do monumento, antes de se ter localizado a posição do corredor, correspondente a tumulações campaniformes individualizadas com lages reaproveitadas da falsa cúpula. Foto de J. Norton.



Fig. 19 – *Tholos* da Tituaria (1978). Aspecto parcial do nível superior, com grandes blocos caídos da falsa cúpula, reutilizados para estruturar as sepulturas individuais campaniformes. Em segundo plano, observa-se a parede da câmara do monumento. Foto de M. Leitão.



Fig. 20 – *Tholos* da Tituaria (1978). Outra vista do sector da Fig. anterior.



Fig. 21 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista parcial do paramento interno da parede da câmara, constituído por blocos dispostos horizontalmente, ligeiramente ultrapassados para o interior, correspondendo a cobertura em falsa cúpula. Foto de M. Leitão.



Fig. 22 – *Tholos* da Tituaria (1978). Pormenor do paramento inteiro da parede da câmara, evidenciando-se o aparelho de grandes blocos, travados por outros de menores dimensões, assentes no substrato geológico. Foto de M. Leitão.

4 - FASES DE OCUPAÇÃO

Identificaram-se duas ocupações principais, com expressão cultural, bem diferenciadas, no decurso da escavação do interior do monumento. A mais antiga, desenvolveu-se sobre o solo primitivo da estrutura, tanto no corredor como na câmara. Era constituída por diferentes deposições, mal diferenciadas, às quais se associava numeroso espólio, avultando as peças votivas de calcário. Nalguns casos, tais deposições efectuaram-se encostadas à parede da câmara, com os corpos em posição encolhida (H 26 a 29). Algumas, foram atingidas aquando da derrocada da cúpula encontrando-se os restos ósseos dispersos e esmagados no interior da câmara. Tais factos provam que o colapso da cobertura se deu ainda com o interior não colmatado de terras. Observou-se, no nível mais antigo, uma área desprovida de espólio (Fig. 7), provavelmente devida a profanações. Há paralelos para tal situação no monumento 7 de Alcalar. Esta violação é anterior à ocupação campaniforme do monumento, como indica a disposição das sepulturas dessa época em todo o espaço interior da câmara (Figs. 2 a 5). É provável que a progressão na câmara dos profanadores tenha sido condicionada pela direcção da queda dos elementos da falsa cúpula, de Este para Oeste, anteriormente ocorrida. Observou-se um bloco caído para dentro da câmara, proveniente do fecho da cobertura do corredor. Prova disso é a existência de espólio sob o dito bloco (vasos lisos, nº. 15, 79 e 87).

A ocupação mais antiga encontrava-se separada da campaniforme por camada terrosa, embalando elementos da falsa cúpula, entretanto derruída. Nesta camada encontraram-se materiais campaniformes - uma das pontas de Palmela (Fig. 28 e Fig. 44, nº. 13) e diversos recipientes - para além de 4 conjuntos osteológicos (10, 17, 18, 19) que poderão corresponder a uma primeira presença campaniforme. Tais materiais concentravam-se do lado Oeste da câmara, junto à parede desta (Fig. 6).

A ocupação mais recente estava representada por sepulturas campaniformes individuais e estruturadas de inumação, constituídas por lages, recuperadas dos derrubes da cúpula, correspondendo a recintos bem definidos (Fig. 2 a 5, e 17 a 20), sendo os cadáveres, por sua vez, em geral cobertos com lages. A época destas sepulturas, concentradas na câmara do monumento, encontra-se bem comprovada pelos materiais campaniformes associados.

Sepulturas individuais campaniformes, aproveitando recintos funerários mais antigos, foram expressivamente registadas na gruta natural de Verdelha dos Ruivos, Vialonga (LEITÃO *et al.*, 1984, p. 224) e no dolmen de Pedra Branca, Montum (FERREIRA *et al.*, 1975). Ainda que esteja não comprovada a existência de sepulturas estruturadas campaniformes, boa parte dos sepulcros colectivos da baixa península de Lisboa e da de Setúbal, foram reutilizados em tal época. Nalguns casos, tratando-se de explorações antigas, a falta de sepulturas estruturadas campaniformes individuais, no interior de recintos funerários mais antigos, poderá ser mais aparente do que real; noutros, os enterramentos campaniformes foram individualizados pelas respectivas associações artefactuais: o caso mais interessante é o conjunto de botões encontrados na gruta I de S. Pedro do Estoril, fazendo, sem dúvida, parte da indumentária do morto (LEISNER *et al.*, 1964, Est. C).

As sepulturas do nível superior distribuem-se uniformemente pela câmara; por todo o corredor, porém, também se encontraram abundantes cerâmicas campaniformes, a elas pertencentes (Fig. 23, 24, 25).

Em conclusão, pode afirmar-se que o monumento terá, na sua fase mais antiga, recebido deposições funerárias apenas na câmara, enquanto que, no decurso da ocupação campaniforme, as deposições colectivas foram substituídas por sepulturas individuais estruturadas, que ocuparam, primeiro, toda a superfície da câmara e, depois, se espalharam pelo corredor.

5 - ESPÓLIO

A intensa erosão, por certo responsável pelo quase desaparecimento do *tumulus*, esteve na origem do importante rebaixamento da superfície primitiva do terreno, no interior do recinto funerário, após o abatimento da cobertura da falsa cúpula. Tal facto terá induzido importantes alterações na posição relativa dos artefactos, difíceis de avaliar,

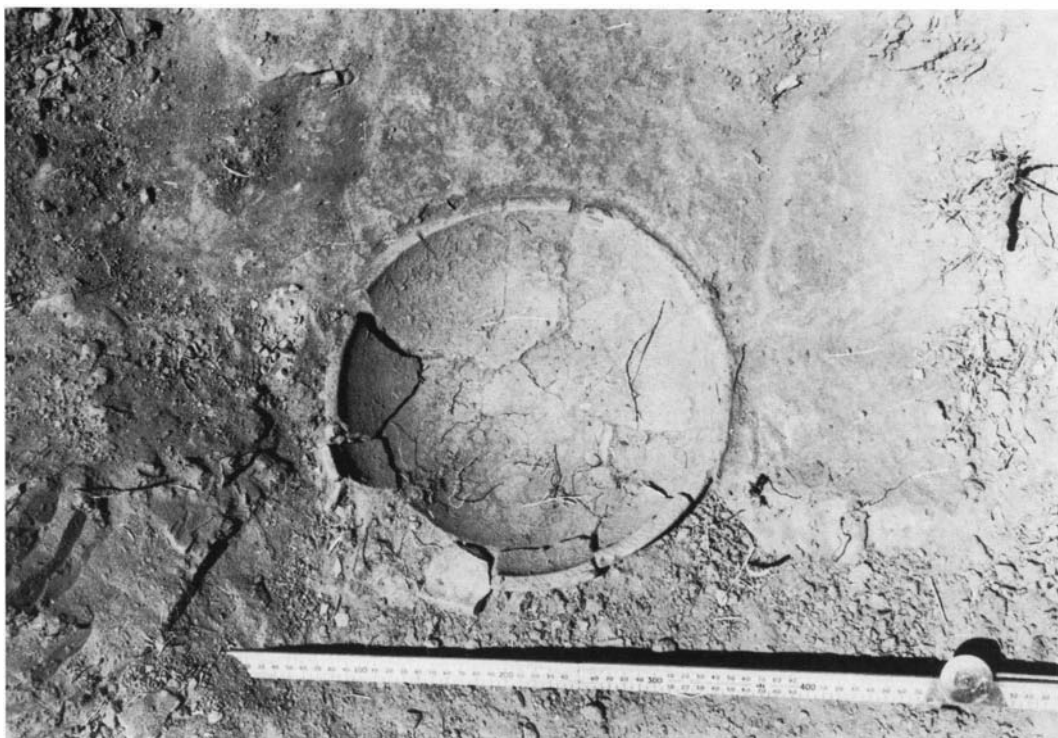


Fig. 23 – *Tholos* da Tituaria (1978). Grande taça de tipo Palmela, associada ao conjunto osteológico H 25 (ver Fig. 6, nº. 52 e Fig. 59, nº. 3). Foto de M. Leitão.



Fig. 24 – *Tholos* da Tituaria (Mafra). Conjunto de três taças lisas, umas dentro das outras (Fig. 46, n.ºs 1, 2 e 3), recolhidas à entrada do corredor (Fig. 6, n.ºs 45, 46 e 47). Foto de M. Leitão.

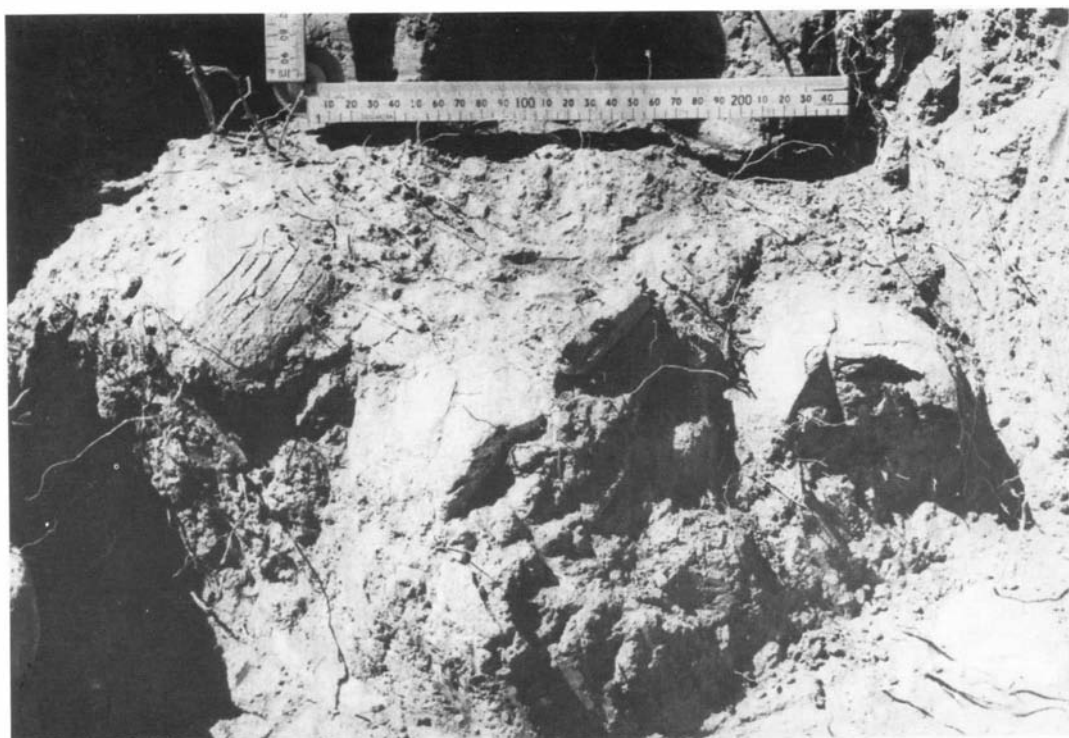


Fig. 25 – *Tholos* da Tituaria (1978). Cerâmicas lisas e decoradas do nível superior. À esquerda, taça em calote com decoração campaniforme (Fig. 57, nº. 2 e Fig. 5, nº. 31). Foto de M. Leitão.

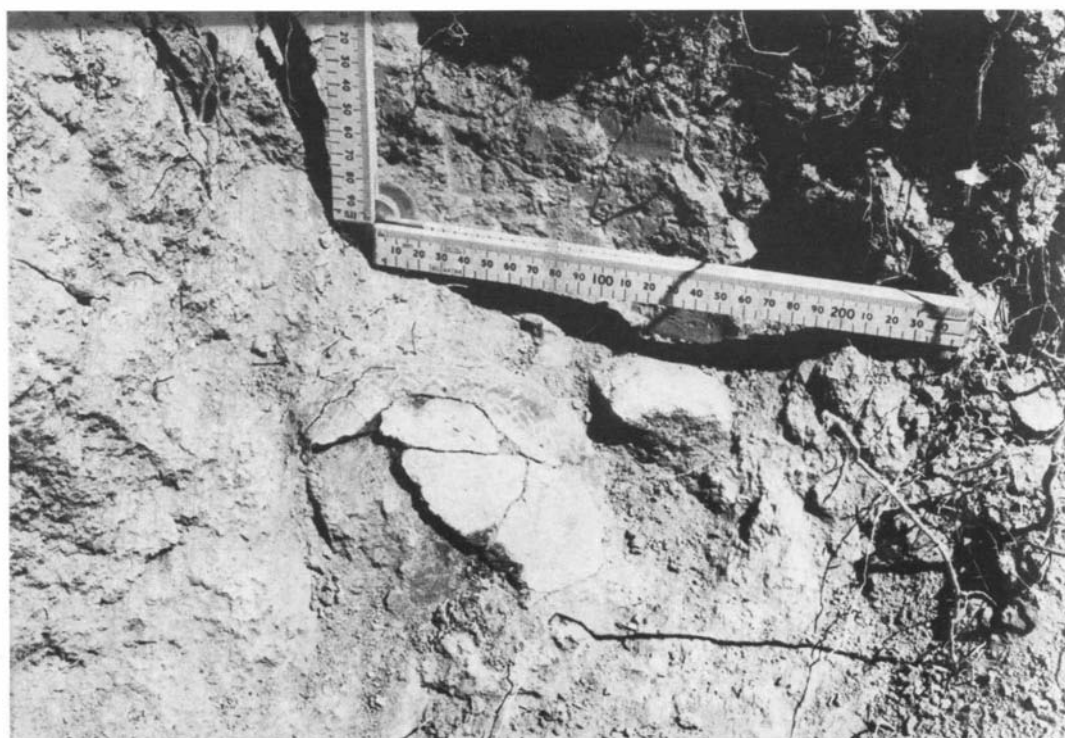


Fig. 26 – *Tholos* da Tituaria (1978). Taça em calote com decoração campaniforme (Fig. 59, nº. 1), recolhida junto à parede da câmara do monumento (Fig. 5, nº. 37). Foto de M. Leitão.



Fig. 27 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vaso campaniforme com decoração linear pontilhada (Fig. 57, nº. 3), recolhido à entrada da câmara, no nível superior do enchimento desta (Fig. 4, nº. 14), associado a H 8. Foto de M. Leitão.

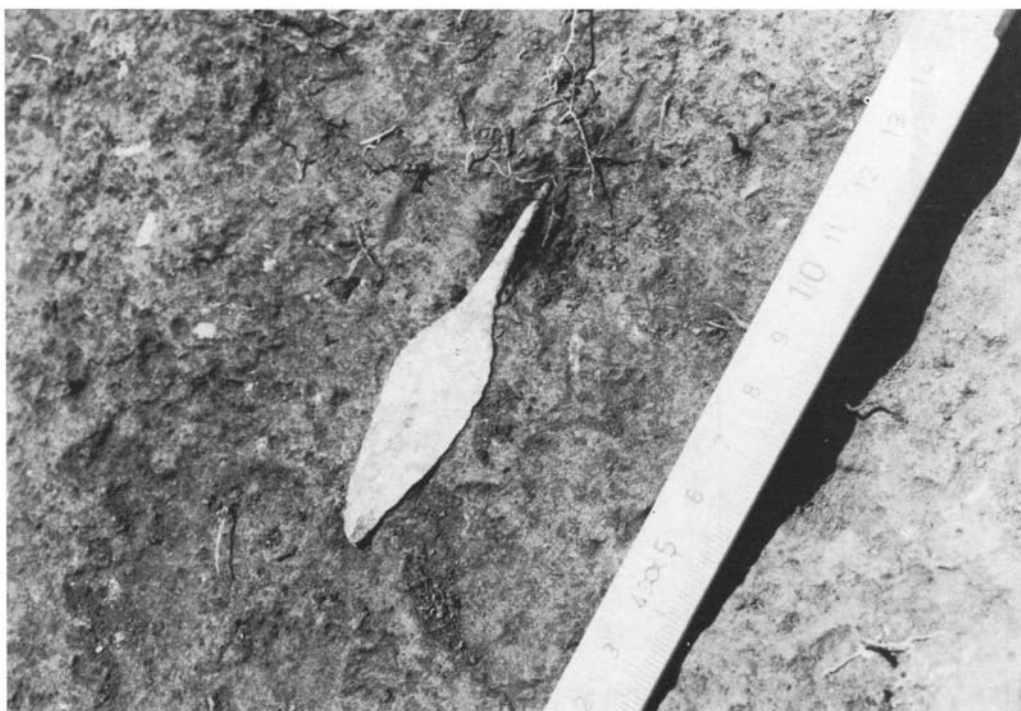


Fig. 28 – *Tholos* da Tituaria (1978). Ponta da seta de tipo Palmela (Fig. 44, nº. 13), recolhida em camada terrosa que separava o nível superior, com enterramentos individuais campaniformes, do inferior (Fig. 6, nº. 31A). Foto de M. Leitão.



Fig. 29 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista geral do monumento tomada ao longo do lixo do corredor, após a escavação. O asterisco assinala a zona onde se encontrou a concentração de artefactos de calcário, no nível inferior (ver Figs. 7 e 30 a 36). Foto de J. Medeiros.



Fig. 30 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista parcial do quadrante NE da câmara do monumento (nível inferior), onde se dispersavam numerosos ideoartefactos de calcário. 1 - punhal de sílex (Figs. 7, nº. 99 e 40, nº. 11); 2, 3, 6 a 8 - cilindros de calcário (Figs. 7, nº. 98 e 43, nº. 4; 7, nº. 92 e 43, nº. 3; 7, nº. 96 e 43, nº. 2; 7, nº. 91 e 42, nº. 5; 7, nº. 90 e 42, nº. 3); 9 - ídolo fusiforme de calcário (Figs. 7, nº. 93; Fig. 36; Fig. 43, nº. 5). Foto de J. Norton.



Fig. 31 – *Tholos* da Tituaria (1978). Cilindro de calcário (Figs. 30, nº. 3 e 43, nº. 3); nas imediações, três fragmentos de ossos longos. Foto de J. Medeiros.



Fig. 32 – *Tholos* da Tituaria (1978). conjunto de artefactos. O cilindro de calcário (nº. 1) é o mesmo do representado nas Figs. 30, nº. 3, 31 e 43, nº. 3; 2 - Seixo rolado de quartzito, desprovido de afeiçoamento (Figs. 7, nº. 101 e 44, nº. 12); 3 - Núcleo de lâminas de cristal de rocha (Figs. 7, nº. 100 e 39, nº. 3). Do lado direito, observa-se fragmento de osso longo. Foto de J. Medeiros.



Fig. 33 – *Tholos* da Tituaria (1978). Vista parcial da concentração de ideoartefactos de calcário no nível inferior do quadrante NE da câmara do monumento. Mesma numeração da Fig. 30. Foto de M. Leitão.



Fig. 34 – *Tholos* da Tituaria (1978). Outra vista da zona NE da câmara do monumento, cujo nível inferior continha os materiais visíveis. Mesma numeração da Fig. 30. Foto de M. Leitão.



Fig. 35 – *Tholos* da Tituaria (1978). Duas fases da escavação de sector correspondente à distribuição dos ídolos de calcário, antes e depois de se ter posto a descoberto o punhal de sílex apresentado nas Figs. 30, 33 e 34, respectivamente à esquerda e à direita, junto de cilindro de calcário (nº. 3 das Figs. referidas). Foto de M. Leitão.



Fig. 36 – *Tholos* da Tituaria (1978). Ídolo fusiforme de calcário (ver Figs. 7, nº. 93 e 43, nº. 5), junto de ossos longos. Foto de M. Leitão.



Fig. 37 – *Tholos* da Tituaria (1978). Ao centro, mandíbula; em segundo plano, astrágalo, recolhidos no nível inferior, que bem evidenciam os remeximentos ali observados. Foto de J. Medeiros.



Fig. 38 – *Tholos* da Tituaria (1978). Porção de maxilar e ossos longos recolhidos no nível inferior. Foto de J. Medeiros.

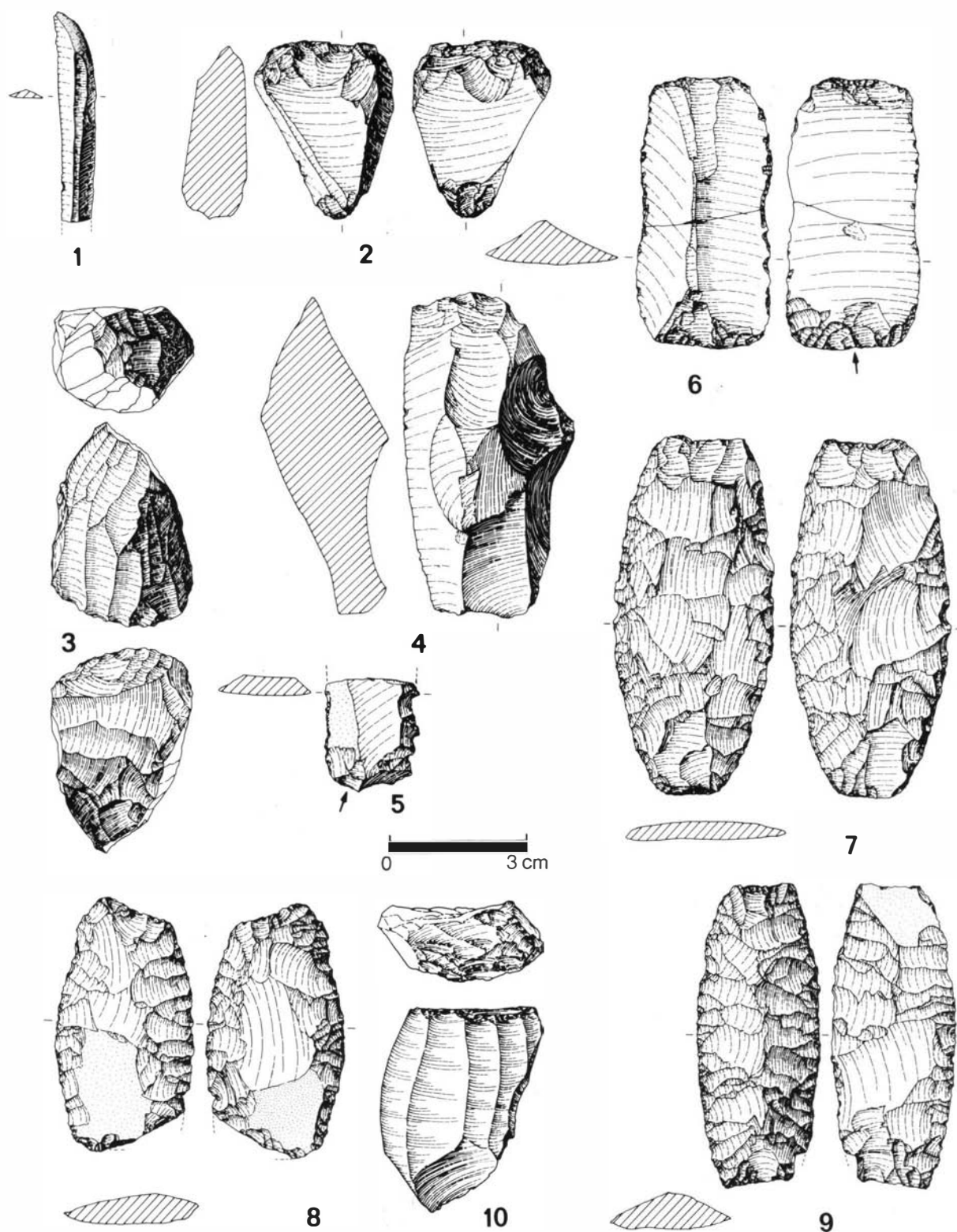


Fig. 39 – *Tholos* da Tituaría – indústria lítica. 1 - lamela de sílex cinzento, não retocada (Fig. 6, nº. 71A); 2 - retocador-percutor ou pedra de isqueiro, de sílex cinzento (Fig. 6, nº. 86); 3 - núcleo de lamelas, de talhe bipolar frontal, de cristal de rocha; 4 - esboço da lâmina ovoide de retoque cobridor, sobre lasca irregular de calcedónia amarelada translúcida (Fig. 6, nº. 82); 5 - fragmento de lâmina de sílex branco-róseo, com bordo denticulado, com “lustre de cereal” (Fig. 7, nº. 89A); 6 a 9 - lâminas ovóides de retoque cobridor, respectivamente de sílex amarelo-acastanhado (Fig. 6, nº. 84); de sílex esbranquiçado (Fig. 6, nº. 50A); de sílex esbranquiçado com brilho térmico (s/ referência de proveniência); e de sílex acinzentado (Fig. 7, nº. 89A); 10 - núcleo de lâminas de lascamento frontal unipolar, de sílex avermelhado (s/ referência de proveniência).

acentuadas por remeximentos devidos aos pesquisadores de tesouros. Com efeito, mesmo no nível mais profundo da câmara, é nítida a desorganização da distribuição espacial dos artefactos. Tal facto condiciona as interpretações baseadas no respectivo registo, tanto na horizontal, como na vertical.

O estado de remeximento em que se encontrava o espólio de ambas as fases de ocupação do sepulcro, é fenómeno bem conhecido em outros casos, como no *tholos* de Pai Mogo, Lourinhã (GALLAY *et al.*, 1973, p. 22). Deste modo, os agrupamentos artefactuais isolados, a que a presença de ossos humanos parece conferir maior significado, poderão, em parte, não corresponder aos locais onde primitivamente foram depositados. A existência de remeximentos pode explicar a ocorrência de algumas cerâmicas campaniformes no nível mais profundo, que dele originalmente não fariam parte e, inversamente, a presença de alguns ideoartefactos de calcário, no nível superior do monumento.

Os agrupamentos de ossos humanos identificados no nível superior e no nível inferior do monumento encontram-se assinaladas nas Figs. 2 a 7.

Justificam-se algumas considerações sobre o espólio recolhido.

Os **adornos de ouro** encontram-se representados por três fragmentos de possível diadema (Fig. 44, nº. 8); trata-se de finas folhas alongadas, com cerca de 10 mm, possuindo decoração ponteadas, obtida por repuxado sobre a folha, ao longo de um dos lados desta. É conhecida a incidência de jóias auríferas de época campaniforme, lisas ou com decorações obtidas por esta técnica, em diversos sepulcros estremenhos. Um dos mais célebres exemplos é o dos brincos da gruta artificial de Ermegeira (Torres Vedras), reutilizada naquela época (HELENO, 1942, Est. II, Fig. 6 e 7). Estes três fragmentos auríferos, talvez destinados a aplicação em diadema, provêm do conjunto **H 1**, exumado no nível superficial da câmara do monumento (Fig. 2).

As **contas** (Fig. 44, nº. 1 a 7) encontram-se representadas por exemplares de tipologia diversa, todas de minerais verdes, com excepção de uma, discóide de calcite (Fig. 44, nº. 3). Avulta uma conta-amuleto, antropomórfica, de mineral verde, anteriormente publicada (CARDOSO *et al.*, 1987), de nítida filiação em exemplares orientais (Fig. 44, nº. 4). As restantes correspondem a tipos frequentes no Neolítico final e no Calcolítico da Estremadura.

Os **ideoartefactos de calcário** (Fig. 30 a 36) encontram-se representados por ídolos cilíndricos e semicilíndricos lisos, ou fusiformes com uma extremidade (a inferior) apontada, por placas planas ou encurvadas e por uma enxó votiva, artefactos bem documentados em sepulcros calcolíticos estremenhos (Fig. 41 a 43). É nítida a distribuição preferencial de tais artefactos no nível inferior da câmara do monumento, bem como o seu aspecto desordenado, indício dos aludidos remeximentos. De referir, especialmente, uma placa plana recolhida no nível superior e relacionada com **H 12** (Fig. 4, nº. 17), de bordos laterais curvilíneos em aresta (Fig. 41, nº. 3), terminando nas duas extremidades por bordos rectilíneos, um dos quais possuindo sete perfurações quase cilíndricas. Como decoração, ostenta, numa das faces, quatro caneluras longitudinais, pouco marcadas, paralelas entre si. Duas hipóteses se perfilam para a interpretação deste objecto. A primeira, por nós preferida, faz corresponder a peça a ideoartefacto incompleto da conservada; as perfurações existentes serviriam para a fixação da parte em falta, separada por fractura accidental. Com efeito, o bordo em causa mostra-se menos desgastado que o oposto, como se fosse mais moderno. Se a parte em falta fosse simétrica da existente, o objecto, quando completo, assemelhar-se-ia a uma lúnula, decorada numa das faces pelas aludidas caneluras. Nos inventários de peças de calcário, há outros casos de restauros de peças fracturadas accidentalmente, consubstanciadas, como na presente situação, por perfurações destinadas à fixação dos fragmentos. Um dos exemplos mais frisantes, embora não se possa afastar a hipótese de reutilização como pendeloque, é o fragmento de placa gravada com dupla enxó, recolhida na necrópole do Cabeço da Arruda (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 7).

Tais restauros, denunciam a alta importância simbólica que era atribuída a estas peças, usadas por certo em cerimónias religiosas. Outro exemplo de restauro devido a fractura accidental é o da placa calcária com decoração gravada de Carenque (HELENO, 1933, Fig. 33). Este caso ainda nos parece mais evidente que o anterior; com efeito, ao longo de uma das extremidades, que é oblíqua, executaram-se três perfurações, prolongadas na superfície da placa por sulcos, destinados a facilitar a fixação das fibras que uniriam esta parte do objecto à que falta. A hipótese de tais sulcos, bem visíveis no desenho publicado, corresponderem a marcas de utilização por atrito devido a suspensão, é de rejeitar, pelo facto de não serem paralelos, como sucederia naquele caso.

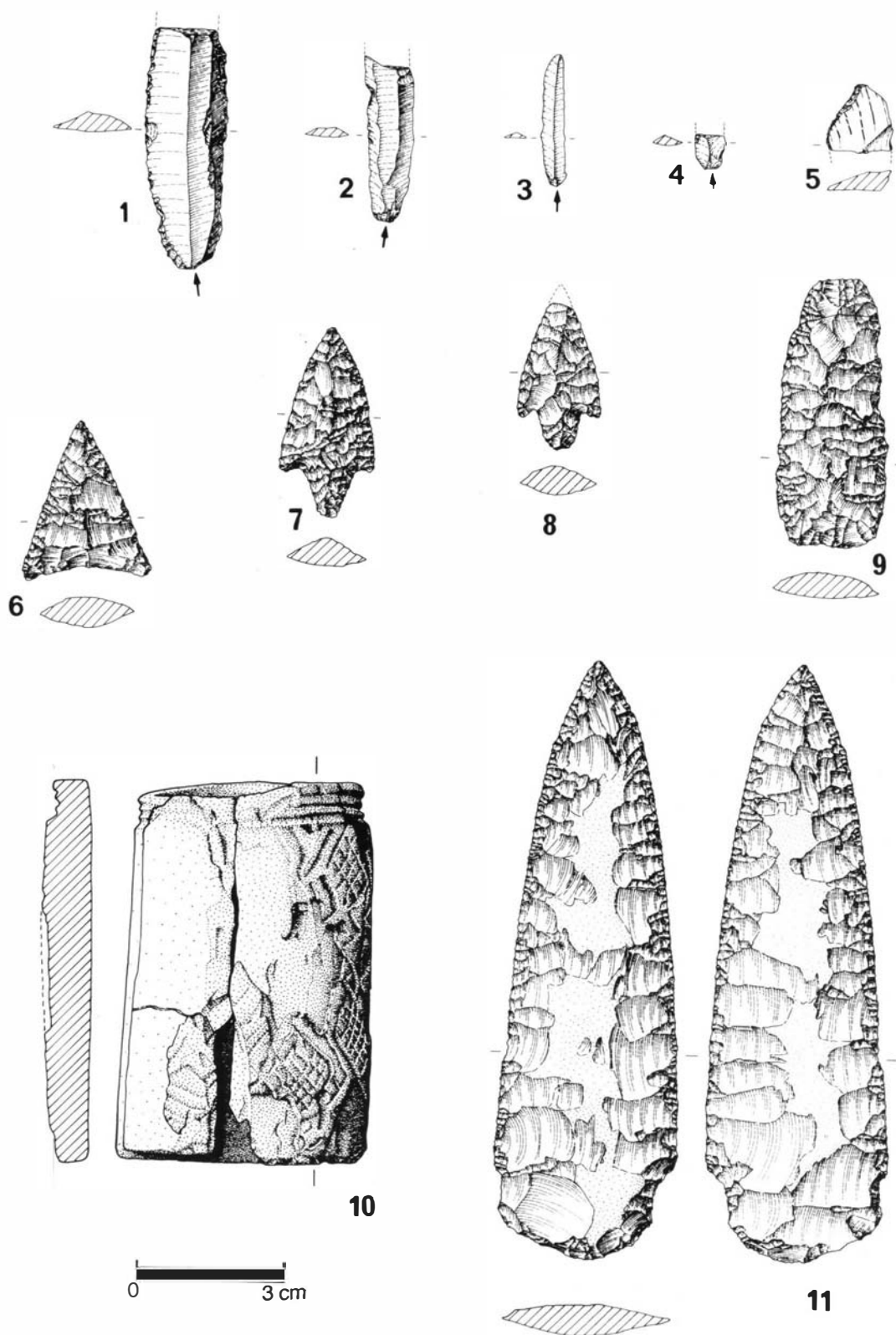


Fig. 40 – *Tholos* da Tituaria – indústria lítica. 1 - fragmento de lâmina de sílex amarelo torrado com retoques marginais contínuos (Fig. 6, nº. 89); 2, 3 e 4 - lamelas de cristal de rocha, a primeira assinalada na Fig. 7, nº. 85, as outras recolhidas no crivo; 5 - lasca incompleta (geométrico?) de sílex cinzento (crivo); 6 a 8 - pontas de seta de sílex branco-acinzentado, assinalados, respectivamente, nas Fig. 6, nº. 76; Fig. 7, nº. 84 e Fig. 6, nº. 83; 9 - lâmina ovóide de retoque cobridor (crivo) de sílex branco com intenso brilho em toda a superfície (lascamento térmico); 10 - recipiente de osso com decoração incisa de losangos preenchidos (Fig. 6, nº. 41D); 11 - punhal de sílex branco-acinzentado polido e ulteriormente lascado, com dois chanfros na base para encabamento (Fig. 7, nº. 99).

Seja como for, não conhecemos para esta peça da Tituaria nenhuma que lhe seja comparável; provém, como se disse, da zona do conjunto **H 12**, de época campaniforme (Fig. 6) e, como tal, poderá corresponder a um remeximento vertical de baixo para cima, na altura da reutilização da câmara do monumento.

Placas de xisto. Ainda ao conjunto dos ideoarfectos, pertence fragmento de placa de xisto gravada, com decoração comum de triângulos invertidos preenchidos por linhas oblíquas intersecantes (Fig. 41, nº. 1), recolhida no corredor, o qual demonstra a sobrevivência, no Calcolítico estremenho, de tais peças, aliás comprovada por outras ocorrências em monumentos funerários e povoados, tanto na Estremadura, como no Ribatejo e Alentejo.

No conjunto da **cerâmica lisa**, abundam formas bem conhecidas desde o Neolítico, como as **taças em calote e esféricos**, ambos de bordo simples ou espessados, recolhidos nos dois níveis de ocupação do monumento (Fig. 45 a 54). Sem dúvida que tais recipientes continuaram a ser utilizados nas derradeiras inumações, campaniformes, porquanto se recolheram *in situ*, no corredor, três taças em calote, empilhadas umas nas outras, com diâmetros de, respectivamente 110, 120 e 135 mm, associadas a cerâmicas campaniformes (Figs. 24 e 46, nº. 1 a 3); uma delas possui, aliás, pequeno *omphalos* (Fig. 46, nº. 1), desconhecido nos exemplares ante-campaniformes, mas ao contrário, comum nos recipientes decorados deste período. O costume de empilhar recipientes uns nos outros tem paralelos em contextos pré-campaniformes, como no *tholos* do Escoural (SANTOS & FERREIRA, 1969, Est. VI, nº. 60), numa das sepulturas colectivas de S. Pedro do Estoril (LEISNER *et al.*, 1964, p. 64, Est. XVII, nº. 106) e nas sepulturas campaniformes do dólmen de Pedra Branca, Montum, em Melides (FERREIRA *et al.*, 1975); há porém, referências à sua prática em épocas anteriores, como documenta o enterramento individual neolítico junto da entrada da gruta natural da Ponte da Lage, Oeiras, onde dois vasos foram encontrados e invertidos (VAULTIER *et al.*, 1959, p. 113).

As **cerâmicas decoradas** estão quase exclusivamente representadas pelos motivos campaniformes característicos. É excepção um esférico, ornamentado exteriormente por linha incisa espiralada, que, partindo do fundo atinge o bojo do recipiente (Fig. 57, nº. 1). Este vaso provém da camada superficial da câmara (Fig. 2, nº. 4). O único paralelo, do território português, para este raro motivo decorativo, é corporizado por taça recolhida no átrio do *tholos* da Praia das Maças e integrável do seu III horizonte, do Calcolítico inicial (GONÇALVES 1982/83, Fig. 21, nº. 29). No caso do exemplar do *tholos* da Tituaria, a sua atribuição à fase campaniforme do monumento é sugerida pela associação a uma grande taça de Palmela incisa com cervídeos (Fig. 58), integrando ambos os recipientes o conjunto mortuário H 7, assinalado na Fig. 3.

A referida taça campaniforme, com decoração incisa de cervídeos, constitui o quinto exemplar registado em Portugal. Dois provém do conjunto sepulcral de Palmela. Destes, um deles, é de há muito conhecido: trata-se de fragmento de provável caçola em decoração a pontilhado, ostentado cervídeo que difere do representado na taça de Tituaria por ser muito mais simples, designadamente ao nível das armações (LEISNER *et al.*, 1961, Pl. XX; LEISNER, 1965, Tf. 106). Outro exemplar corresponde a taça de Palmela completa, decorada a pontilhado, que se manteve inédita, inexplicavelmente, até à década de 1970 (PEREIRA & BUBNER, 1974/75, Est. III). Possui dois tipos de cervídeos bem diferenciados, um deles idêntico ao da Tituaria, o outro ao da taça anterior. Pela morfologia, é lícito considerarmos a possibilidade de representarem, respectivamente, um veado adulto, pela exuberância da armação e um juvenil, também do sexo masculino, apenas com um galho.

O único paralelo proveniente de um povoado, o do Cabeço de Portucheira, Torres Vedras (HARRISON, 1977, Fig. 64, nº. 1004), cervídeo exhibe, aparentemente realizado do lado interno do recipiente. O referido autor menciona ocorrências análogas em diversos contextos calcolíticos pré-campaniformes, além dos bem conhecidos recipientes campaniformes de Cienpozuelos e do Cerro de la Virgen; em Las Carolinas, a decoração é no interior da taça, idênticamente à dos exemplares de Cieveja, Almería (CARRILERO & SUÁREZ, 1995). Em Portugal, mencione-se, ainda a representação de veados, por incisão na pasta fresca, em pesos de tear do Castro de Vila Nova de São Pedro (Azambuja), alguns reproduzidos em PAÇO (1940, Fig. 1, nº. 1 a 7).

Os célebres vasos de Los Millares e de Las Carolinas, mostram cervídeos associados a representações solares e à figuração da própria deusa calcolítica, com grandes olhos radiados e sobrancelhas (no caso do recipiente de Los Millares), reproduzidos em PAÇO, 1940, Fig. 4). Tal associação sugere marcado simbolismo para as representações de cervídeos, reforçada pela sua ocorrência em pinturas rupestres de grutas-santuário desta época. Tal simbolismo explica

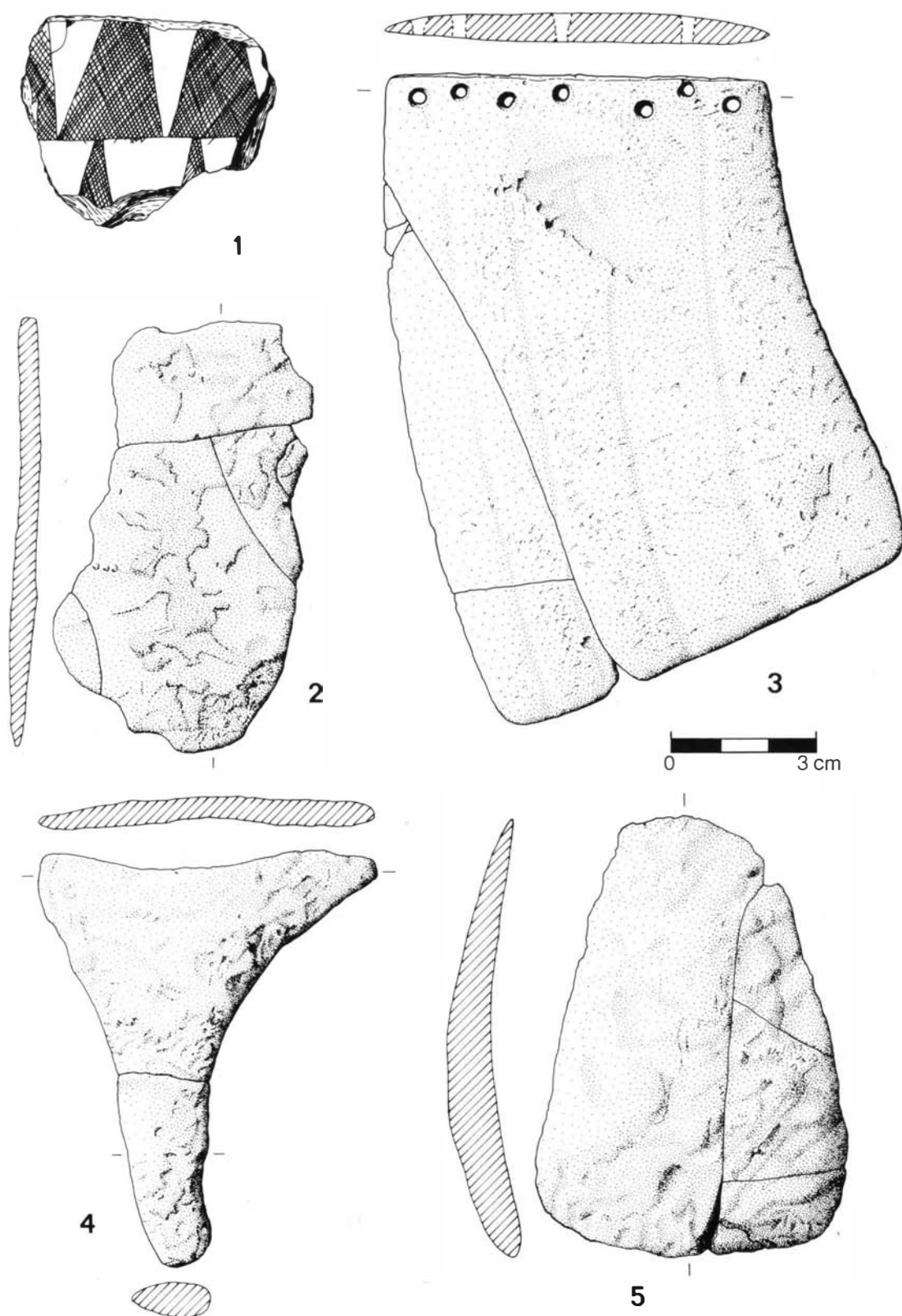


Fig. 41 – *Tholos* da Tituaria – artefactos ideotécnicos. 1 - fragmento de placa de xisto com decoração de triângulos preenchidos (Fig. nº. 39A); 2 - placa plana, muito erodida, de calcário (Fig. 4, nº. 91); 3 - placa plana de calcário, de bordos curvilíneos, decorada por ténues caneluras longitudinais numa das faces, possivelmente reutilização de artefacto de maiores dimensões (Fig. 4, nº. 17); 4 - provável enxó votiva de calcário, muito erodida (Fig. 7, nº. 97); 5 - placa incurvada de calcário (Fig. 5, nº. 19A).

as representações em recipientes campaniformes, como o exumado na Tituaria. Poderá admitir-se associação à ideia de fecundidade; o ritmo de crescimento das armações, nos machos, simularia, na mesma época do ano, o ritmo de crescimento dos cereais (GANDRA, 1994, p. 13).

Deve, ainda atender-se ao facto de o veado ter sido esporadicamente domesticado: “Very significative, as evidence of a clear domesticity, are the scenes representing red deer being ridden” (FORNI, 1989, p. 182). O autor assinala representações ruprestes calcolíticas de Val Camonica (citando Anti, 1972), que se prolongam até à Idade do Ferro, e da Galiza, do Calcolítico à Idade do Bronze (citando Penã Santos e Vázquez-Varela, 1979). Aceitando a relação do veado, em tempos pré-históricos, com o culto da fecundidade, estariam estas taças destinadas a cerimónias litúrgicas. Quanto às restantes cerâmicas campaniformes, o *tholos* da Tituaria ofereceu variedade assinalável, tanto de formas como de padrões decorativos, estando representadas as técnicas pontilhada e incisa.

Um belo vaso “internacional” do conjunto mortuário H 8 (Fig. 57, nº. 3) foi encontrado com um recipiente liso (taça) no interior. Provavelmente coeva deste recipiente é a pequena caçoila de ombro com decoração a pontilhado, recolhida no corredor, no local assinalado na Fig. 5, nº. 38, integrada no conjunto mortuário H 16 (Fig. 55, nº. 1).

Um fragmento de vaso com decoração incisa (Fig. 56, nº. 1) provém da entrada do corredor, do local assinalado na Fig. 6, nº. 48, ilustrando a coexistência das duas técnicas - pontilhada e, a incisa no mesmo tipo de recipiente. As taças tipo Palmela encontram-se melhor representadas. Avulta um fundo de grande exemplar baixo, com decoração estrelada em torno do “omphalus”, a pontilhado (Fig. 55, nº. 2), recolhida no conjunto mortuário H 12, no local assinalado na Fig. 4, nº. 16.

A grande taça com decoração incisa de cervídeos, já referido e as três taças da Fig. 59 mereceu destaque: a primeira (ver também Fig. 26), com bordo não espessado mas aplanado, com decoração incisa, provém do conjunto mortuário H 11 (Fig. 5, nº. 37); a segunda, corresponde a exemplar de grandes dimensões, igualmente com decoração incisa, foi recolhida no corredor (Fig. 6, nº. 50); por último, a taça completa decorada a pontilhado (Fig. 23; Fig. 59, nº. 3), acompanhava a tumulação H 25, escavada no nível inferior da câmara, no local indicado na Fig. 6, nº. 52. Há, ainda, taça em calote com decoração campaniforme (Fig. 25 e Fig. 57, nº. 2), pertencente, aparentemente, ao conjunto mortuário H 17, recolhida no local indicado na Fig. 5, nº. 31.

No conjunto das cerâmicas campaniformes, foram identificados pelo menos quatro vasos, dois com decorações “internacionais” (Fig. 56, nº. 1, 2 e 4; Fig. 57, nº. 3), dos quais três decorados a pontilhado e apenas um inciso; uma caçoila de ombro, a pontilhado (Fig. 55, nº. 1); uma taça tipo Estoril, a pontilhado (Fig. 60, nº. 8); seis taças tipo Palmela (Fig. 55, nº. 2; Fig. 56, nº. 3; Fig. 58; Fig. 59), das quais quatro a pontilhado e apenas duas incisas; e, por último, apenas uma taça em calote, com decoração incisa (Fig. 57, nº. 2). O conjunto sugere um momento relativamente recuado no contexto do fenómeno campaniforme, cujas derradeiras cerâmicas são exclusivamente (ou quase) decoradas pela técnica incisa.

A **indústria lítica**, essencialmente recolhida no nível inferior, é pouco abundante, não obstante ser diversificada. Estão presentes, entre outros, os seguintes tipos de artefactos:

- um **punhal** de sílex de retoque bifacial cobridor parcialmente polido, possuindo dois chanfros laterais para encabamento. Provém do nível inferior do conjunto de ídolos calcários (Fig. 30, nº. 1; Fig. 33, nº. 1; Fig. 34, nº. 1; Fig. 35 e Fig. 40, nº. 12);

- **lâminas e lamelas**, de cristal de rocha e de sílex, com e sem retoques, todas do nível inferior do monumento (Fig. 39, nº. 1; Fig. 40, nº. 1 a 4);

- **núcleo de lamelas**, de cristal de rocha, de talhe bipolar frontal (Fig. 39, nº. 3), recolhido na área de distribuição dos ídolos de calcário, no nível inferior (Fig. 32, nº. 3) e outro de sílex róseo (Fig. 39, nº. 10);

- **lâmina denticulada** incompleta, de talhe bifacial com brilho (“lustre de cereal”) ao longo do bordo denticulado, de sílex branco-róseo (Fig. 39, nº. 5), recolhida no nível inferior;

- **retocador** ou pedra de isqueiro (Fig. 39, nº. 2), como os documentados na lapa do Bugio (CARDOSO *et al.*, 1992, p. 102, Est. 2, nº. 19 e 45);

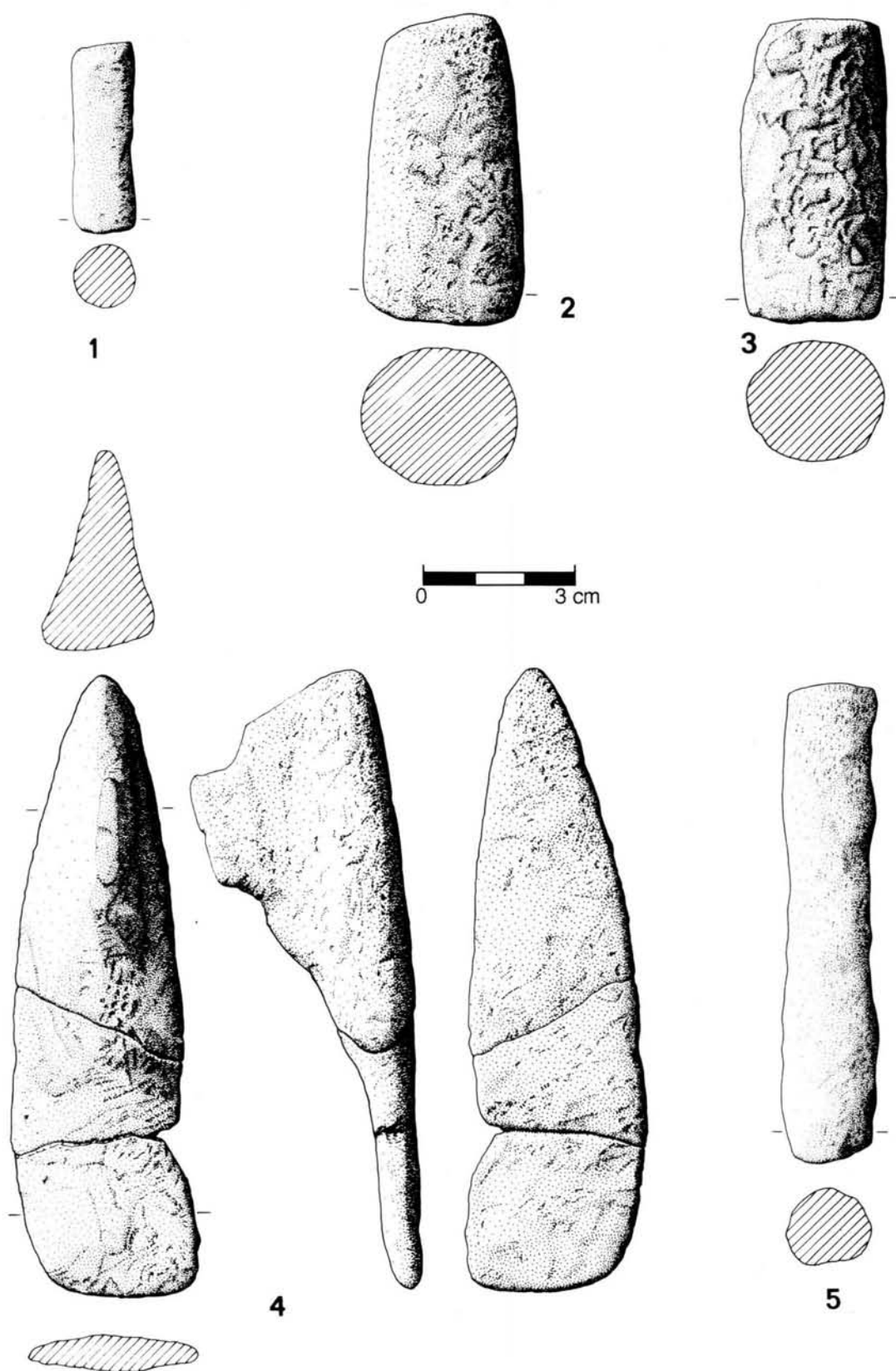


Fig. 42 – *Tholos* da Tituaria - artefactos ideotécnicos de calcário. 1 a 3 e 5 - cilindros (respectivamente assinalados nas Fig. 5, nº. 9B; 6, nº. 32A; 7, nº. 90 e 7, nº. 91; os dois últimos também nas Figs. 30, nº. 8 e 30, nº. 7); 4 - enxó votiva, incompleta no cabo por erosão (Fig. 6, nº. 82A).

- **lâminas elípticas** de talhe bifacial cobridor (Fig. 39, nº. 4, 6 a 9), uma delas com vestígios de utilização junto a um dos bordos (“brilho do cereal”). Tais artefactos, com origem no Neolítico final, de acordo com os elementos recolhidos em Leceia (resultados inéditos), tiveram uso prolongado até pelo menos o Calcolítico pleno e, talvez, mesmo até o campaniforme, como sugere a associação de um deles a uma taça campaniforme (Fig. 59, nº. 3), no corredor (Fig. 6, nº. 52); é de salientar a existência de um exemplar inacabado, muito toscamente desbastado, de calcedónia (Fig. 39, nº. 4). Os restantes são de sílex cinzento-esbranquiçado, denotando matéria-prima de origem local ou regional.

As **pontas de seta** são de dois tipos: de base côncava (Fig. 40, nº. 3) e de pedúnculo robusto, com aletas laterais bem marcadas (Fig. 40, nº. 8 e 9). A primeira provém do fundo do monumento, perto de H 20 (Fig. 6, nº. 76) devendo pois, correlacionar-se com a primeira fase de ocupação deste. As duas restantes, igualmente recolhidas no nível inferior evocam tipologia arcaica. Porém, considerando que, no Calcolítico inicial – época da construção do sepulcro – tais pontas já não estariam em uso e atendendo a certos particularismos tipológicos que evidenciam, susceptíveis de as diferenciar das homólogas pendunculadas neolíticas, por um lado; e, por outro, ao facto de serem conhecidas peças análogas, na época campaniforme, admite-se que dois exemplares em causa lhe possam ser atribuídos. A ser assim, seria a primeira vez que se documentariam em Portugal pontas pendunculadas de sílex campaniformes, bem conhecidos além-fronteiras. O sílex, amarelo-esbranquiçado, em que foram talhadas, indica produção regional.

Os **artefactos de pedra polida** resumem-se a um polidor-brunidor, de arenito vermelho muito fino, de forma paralelepípedica achatada, polido em todas as faces, com as extremidades bombeadas (Fig. 44, nº. 11). Este raro artefacto provém da zona central do fundo da câmara do monumento (Fig. 6, nº. 81), ocorrendo perto da lâmina elíptica de retoque cobridor da Fig. 39, nº. 8.

Merece menção especial um seixo de quartzito achatado, sem afeiçoamento, mas com ténues vestígios de utilização, correspondendo a estrias transversais observáveis nas duas faces maiores (Fig. 44, nº. 12). Esta peça provém do fundo do monumento, encontrando-se perto de um cilindro de calcário (Fig. 43, nº. 4) e de núcleo de cristal de rocha (Fig. 39, nº. 3), como se ilustra na Fig. 32.

Os **artefactos de cobre**, estão circunscritos a duas pontas de seta de Palmela e dois punções, um deles incompleto, conjunto característico da última ocupação do *tholos* (Fig. 44, nº. 9, 10, 13 e 14). Como antes se referiu, uma das pontas jazia em camada intermédia do enchimento da câmara, correspondendo a uma primeira presença campaniforme (Fig. 28), no quadrante SW.

A **indústria óssea** encontra-se representada por um recipiente de osso, provavelmente obtido em diáfise de osso longo de grande bovídeo, *Bos taurus* ou *Bos primigenius*, decorado por losangos formando reticulado, preenchidos interiormente (Fig. 40, nº. 11); no *tholos* do Pai Mogo (Lourinhã) encontraram-se recipientes idênticos (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 69). Poderiam ser utilizados para guardar ungentos, cosméticos, ou outras substâncias, por exemplo de carácter medicinal. Embora não se tenha jamais encontrado uma destas peças munida de fundo, tal facto explica-se por estes serem em materiais perecíveis, cortiça ou madeira, como acontece com recipientes actuais feitos de corno. Tal conclusão é ilustrada pelo facto de alguns possuírem perfurações numa das extremidades, destinadas à fixação daquele elemento, como se observa em diversos exemplares de Pai Mogo.

6 - CRONOLOGIA ABSOLUTA

Submeteu um de nós (J.L.C.), para datação, um fragmento de tibia do conjunto osteológico H 27 (ver Fig. 7). A análise, por AMS, foi realizada no Research Laboratory for Archaeology and the History of Art, de Oxford, ao abrigo de protocolo de cooperação existente entre o Departamento de Arqueologia do IPPAR, o Departamento de Química do ITN e aquela Instituição. O resultado, comunicado pelo Eng. A. Monge Soares, foi o seguinte (ofício de 20/6/95 a J.L.C.):

Ox A - 5446 - 3995 ± 65 BP

corresponde a cronologia campaniforme. Tal facto corrobora que os remeximentos, então verificados, atingiram a parte mais funda do monumento. Esta data, depois de calibrada, fazendo uso da curva de PEARSON & STUIVER (“Radiocarbon”,

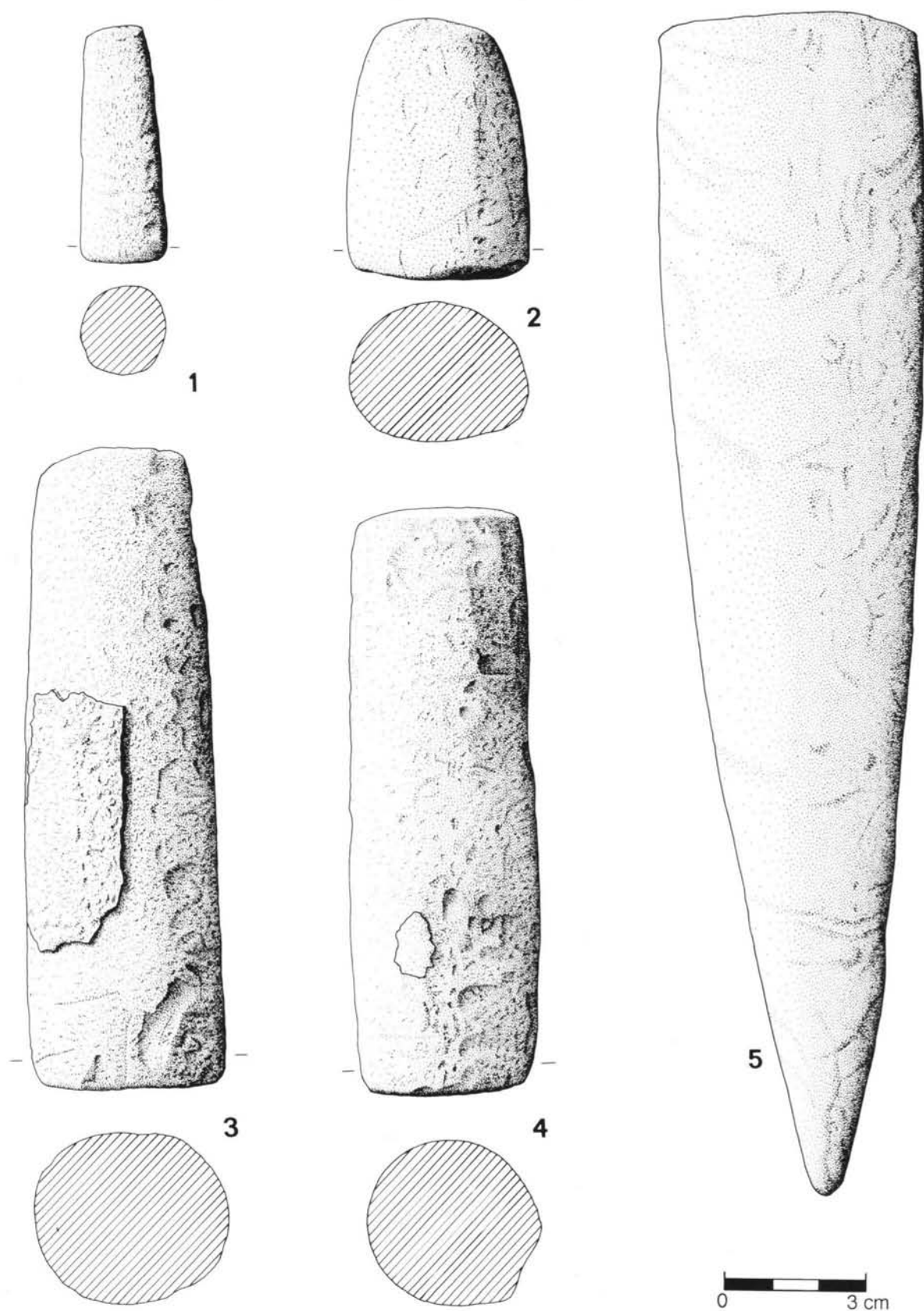


Fig. 43 – *Tholos* da Tituaria - artefactos ideotécnicos de calcário. 1 a 4 - cilindros (respectivamente assinalados nas Fig. 6, nº. 73A; 7, nº. 96; 7, nº. 92 e 7, nº. 98); 5 - ídolo fusiforme liso (Fig. 7, nº. 93).

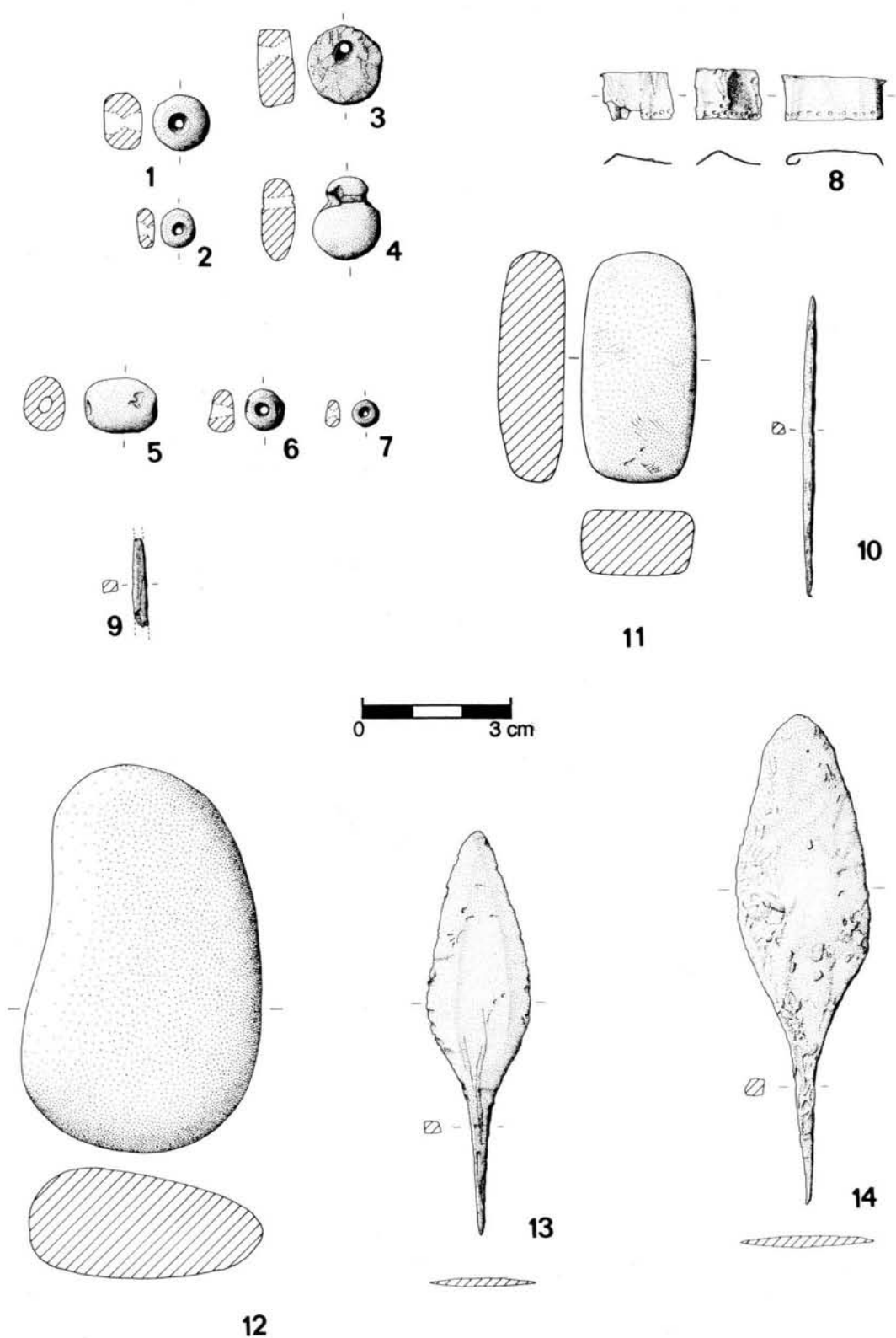


Fig. 44 – *Tholos* da Tituaria - Contas: 1, 2, 5 a 7 de minerais verdes (respectivamente assinaladas nas Fig. 6, nº. 41C; 7, nº. 94 e 7, nº. 95; 2 e 7 provêm do crivo); 4 - de tipo troiano, de mineral verde (Fig. 6, nº. 88); 3 - discóide, de calcite (Fig. 6, nº. 74A); 8 - fragmentos de folha de ouro, provável aplicação em jóia (Fig. 3, nº. 8A); 9 e 10 - furadores de cobre (crivo); 11 - brunidor-polidor de arenito vermelho fino (Fig. 6, nº. 81); 12 - seixo achatado de quartzito (Fig. 7, nº. 101); 13 e 14 - pontas de seta tipo Palmela de cobre (respectivamente Fig. 6, nº. 31A e Fig. 28; e crivo).

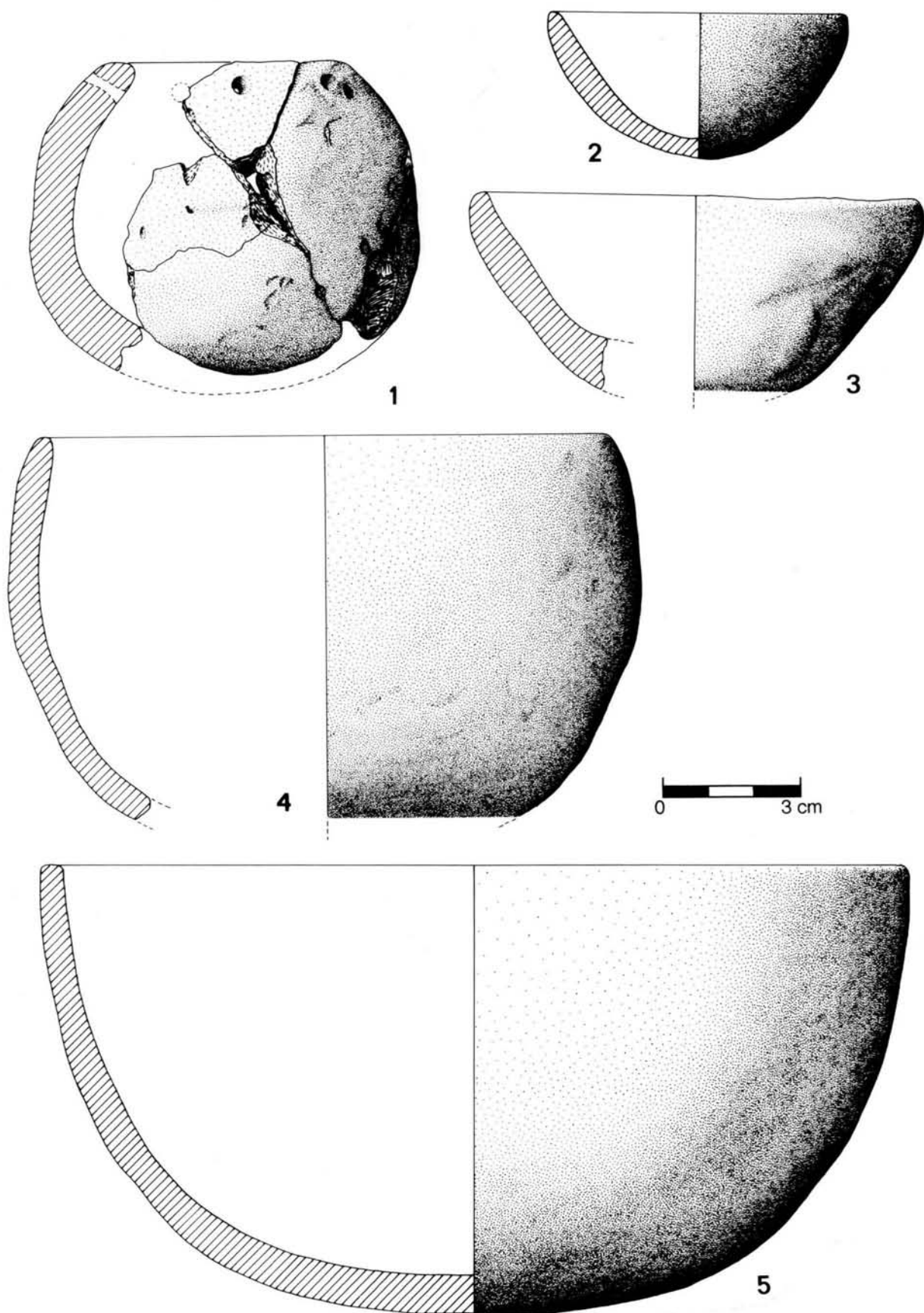


Fig. 45 – *Tholos* da Tituaria - recipientes lisos. 1 - esférico com perfurações múltiplas junto ao bordo (Fig. 6, nº. 53); 2, 3 e 5 - taças (respectivamente assinaladas nas Fig. 6, nº. 68; Fig. 5, nº. 30 e Fig. 2, nº. 2); 4 - esférico (Fig. 5, nº. 80).

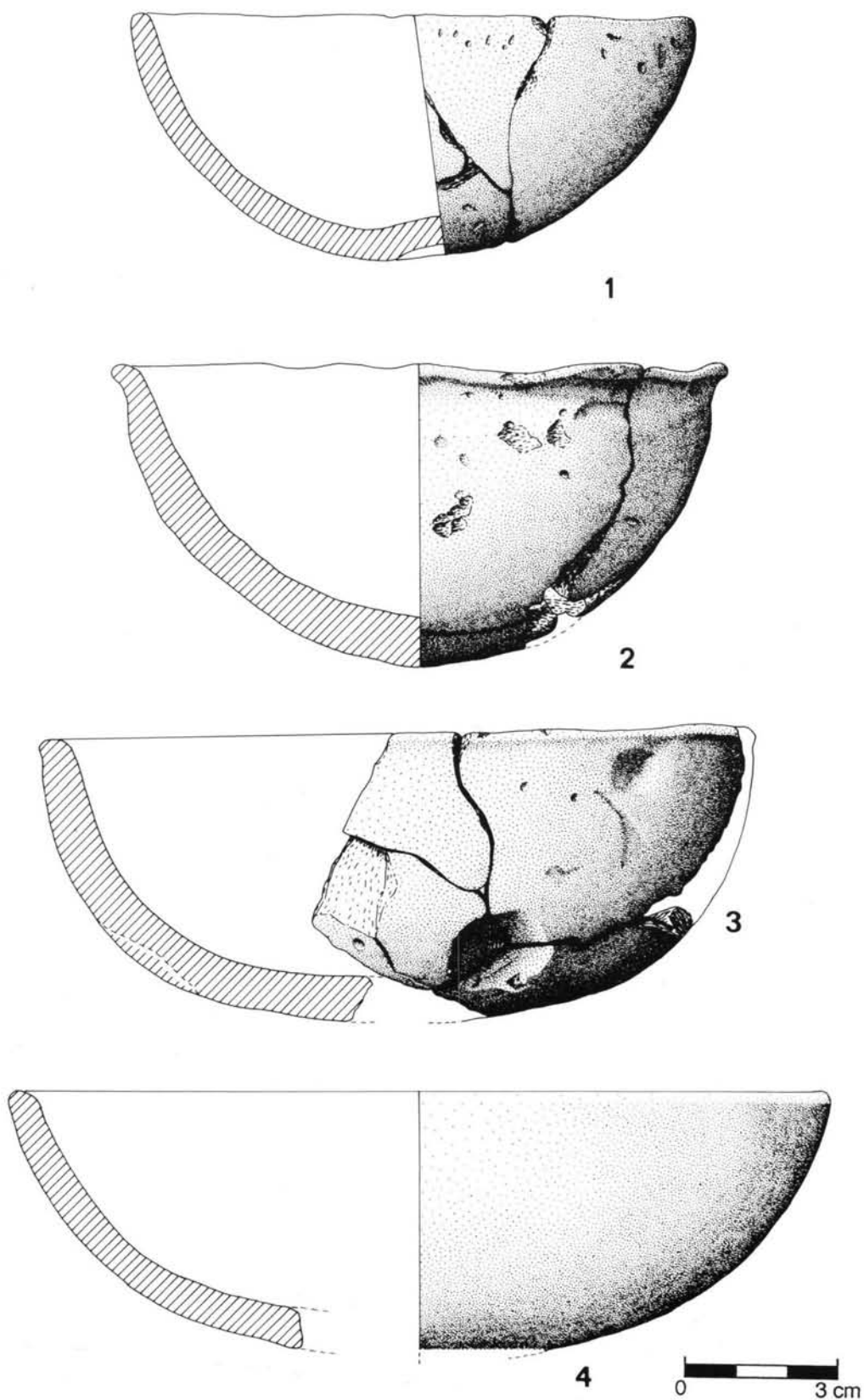


Fig. 46 – *Tholos* da Tituaria – taças lisas. Os três primeiros recipientes encontravam-se sucessivamente, dentro uns dos outros (Fig. 7, n.ºs 45, 46, 47; Fig. 24). O primeiro possui pequeno *omphalus*, característico da época campaniforme a que este conjunto pertence; 4 - taça baixa, incompleta (Fig. 6, n.º. 48).

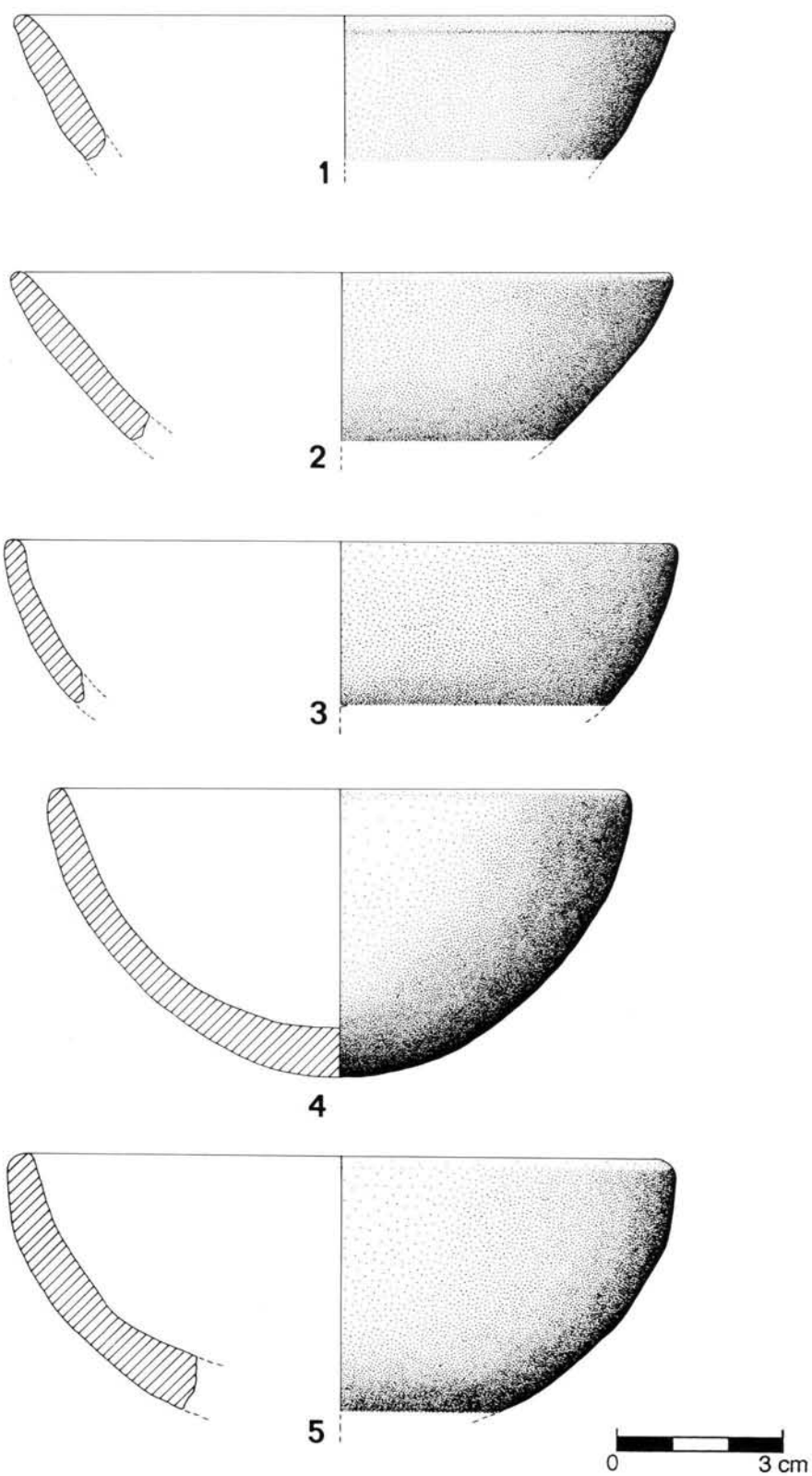


Fig. 47 – *Tholos* da Tituaria - Conjunto de taças lisas (respectivamente assinaladas nas Fig. 4, n.º. 15; 4, n.º. 13; crivo; 4, n.º. 10; 4, n.º. 11).

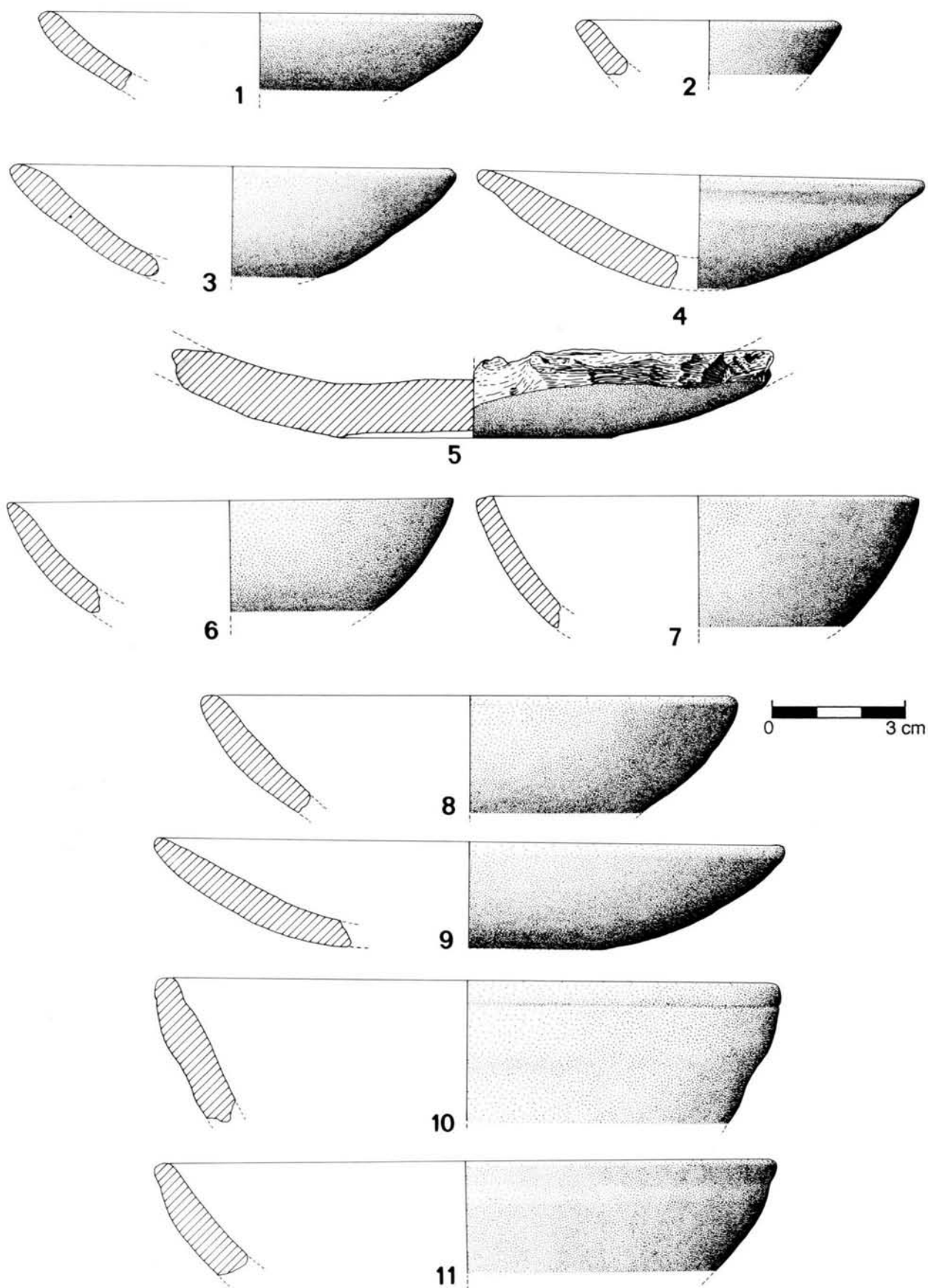


Fig. 48 – *Tholos* da Titularia - Conjunto de taças lisas. 5 - fundo de taça campaniforme (Fig. 5, n.º. 26); 10 - fragmento da taça com tênue depressão sob o bordo (Fig. 6, n.º. 71). Os restantes exemplares não possuem indicação de proveniência.

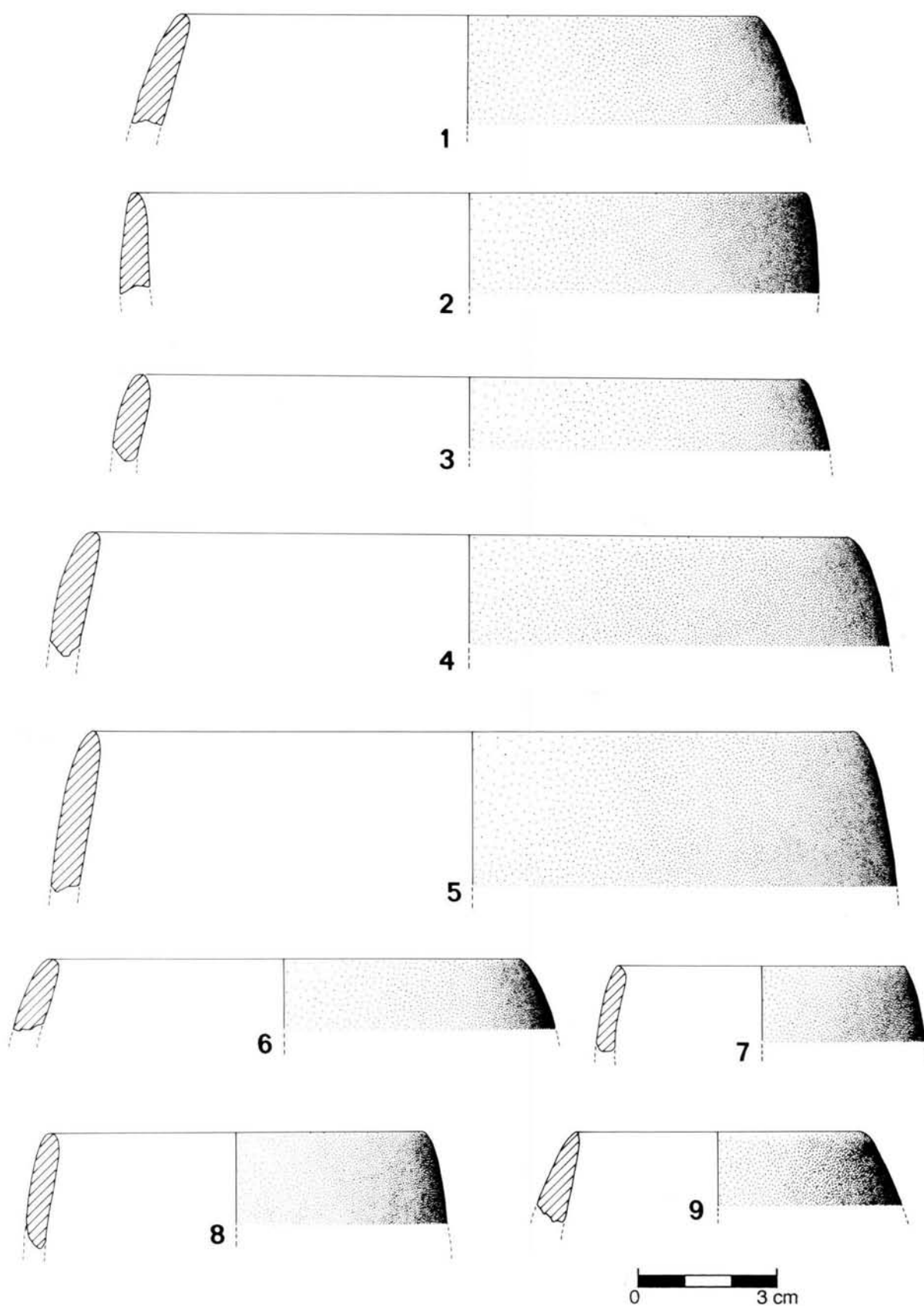


Fig. 49 – *Tholos* da Tituaria - Conjunto de esféricos lisos. 1 (Fig. 7, nº. 72); 2 (Fig. 6, nº. 78); 5 (Fig. 6, nº. 51); 8 (Fig. 4, nº. 13). Os restantes exemplares não possuem indicação de proveniência.

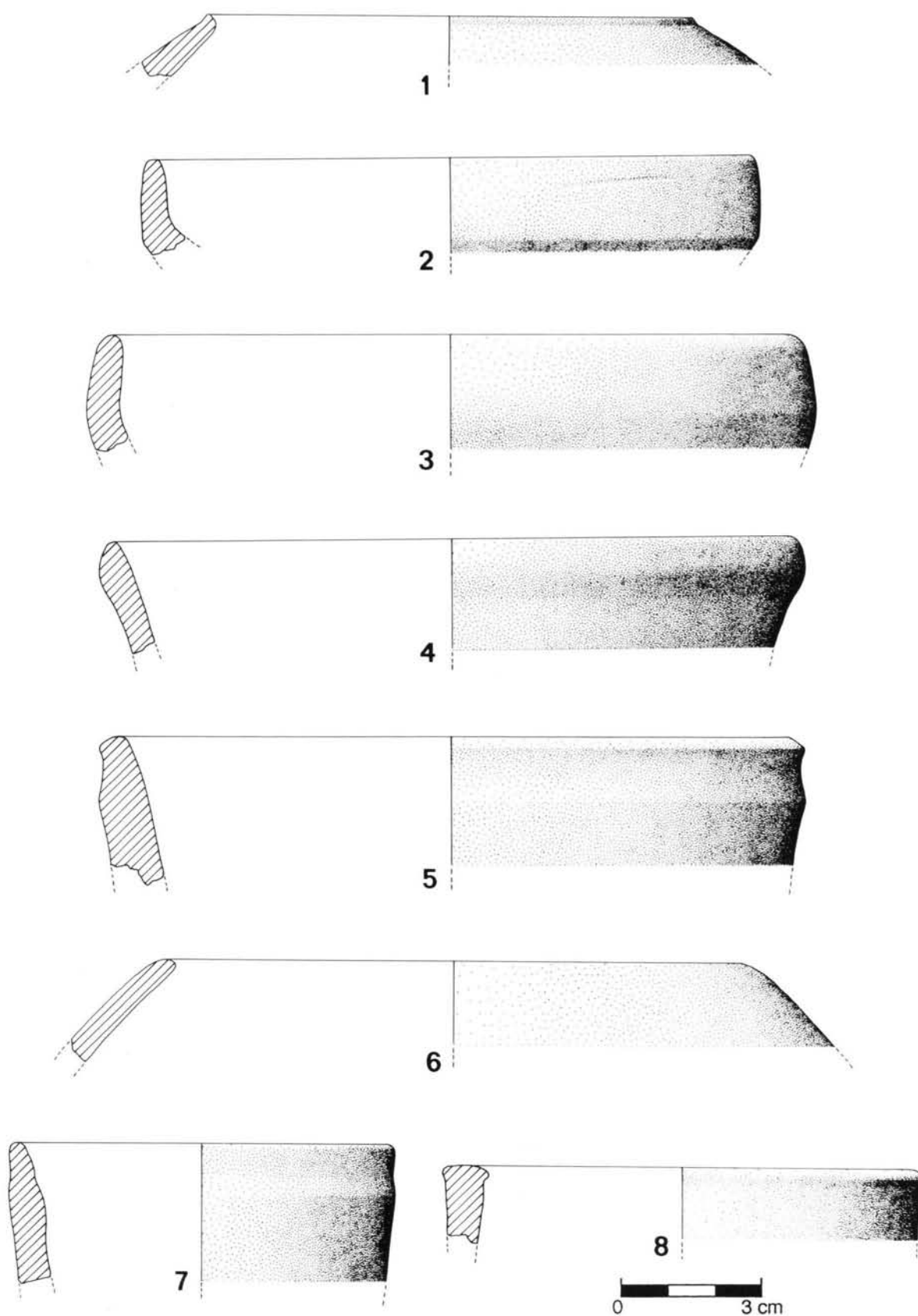


Fig. 50 – *Tholos* da Titularia - Conjunto de recipientes lisos, todos recolhidos no crivo, exceptuando-se o n.º. 8 (Fig. 6, n.º. 71). De salientar a presença de duas taças carenadas (n.ºs 2 e 3).

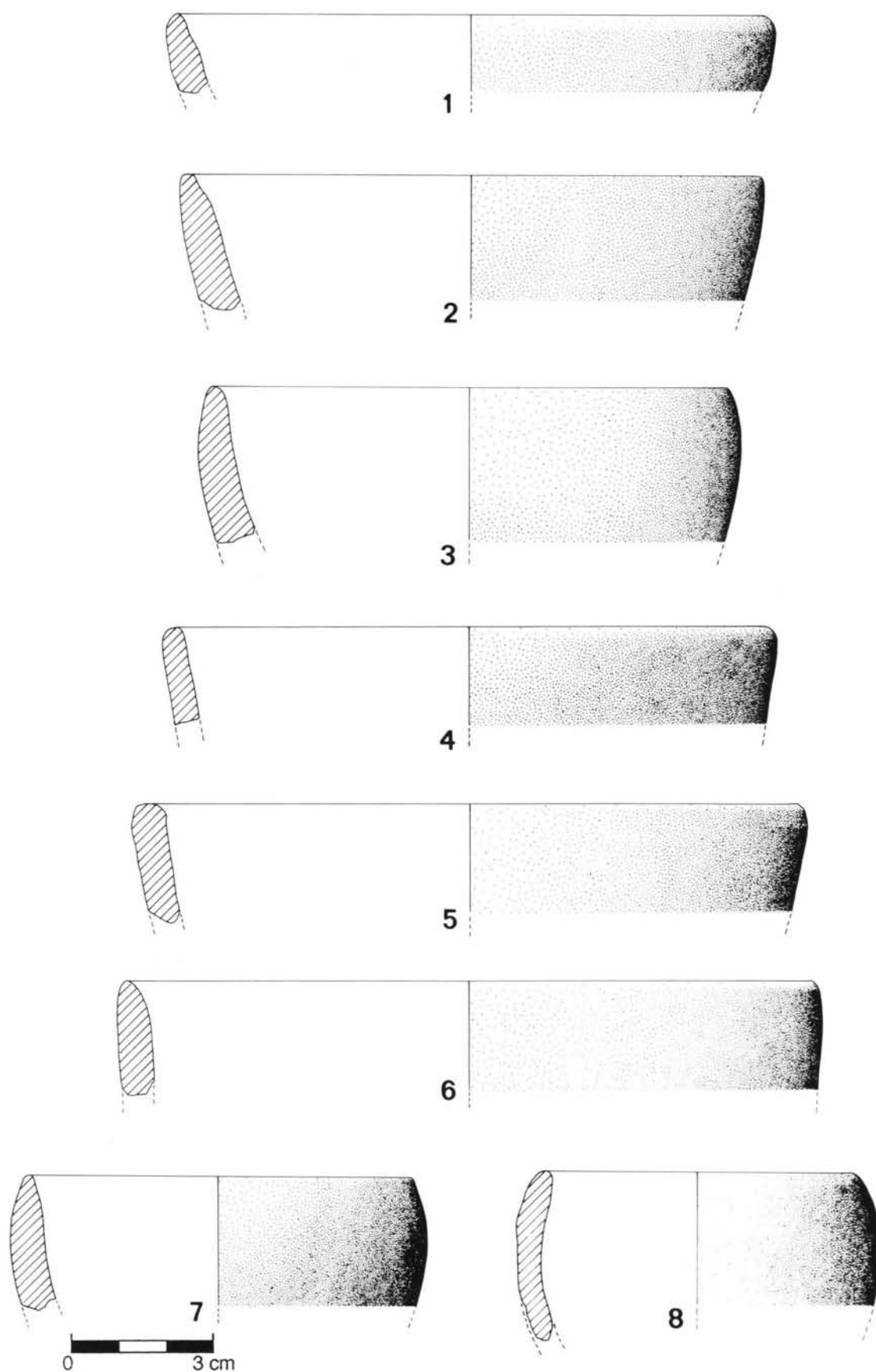


Fig. 51 – *Tholos* da Tituaria - Conjunto de taças e de esféricos (n.ºs 3, 7 e 8) lisos, todos recolhidos no crivo, exceptuando-se o n.º. 1 (Fig. 1, n.º. 11).

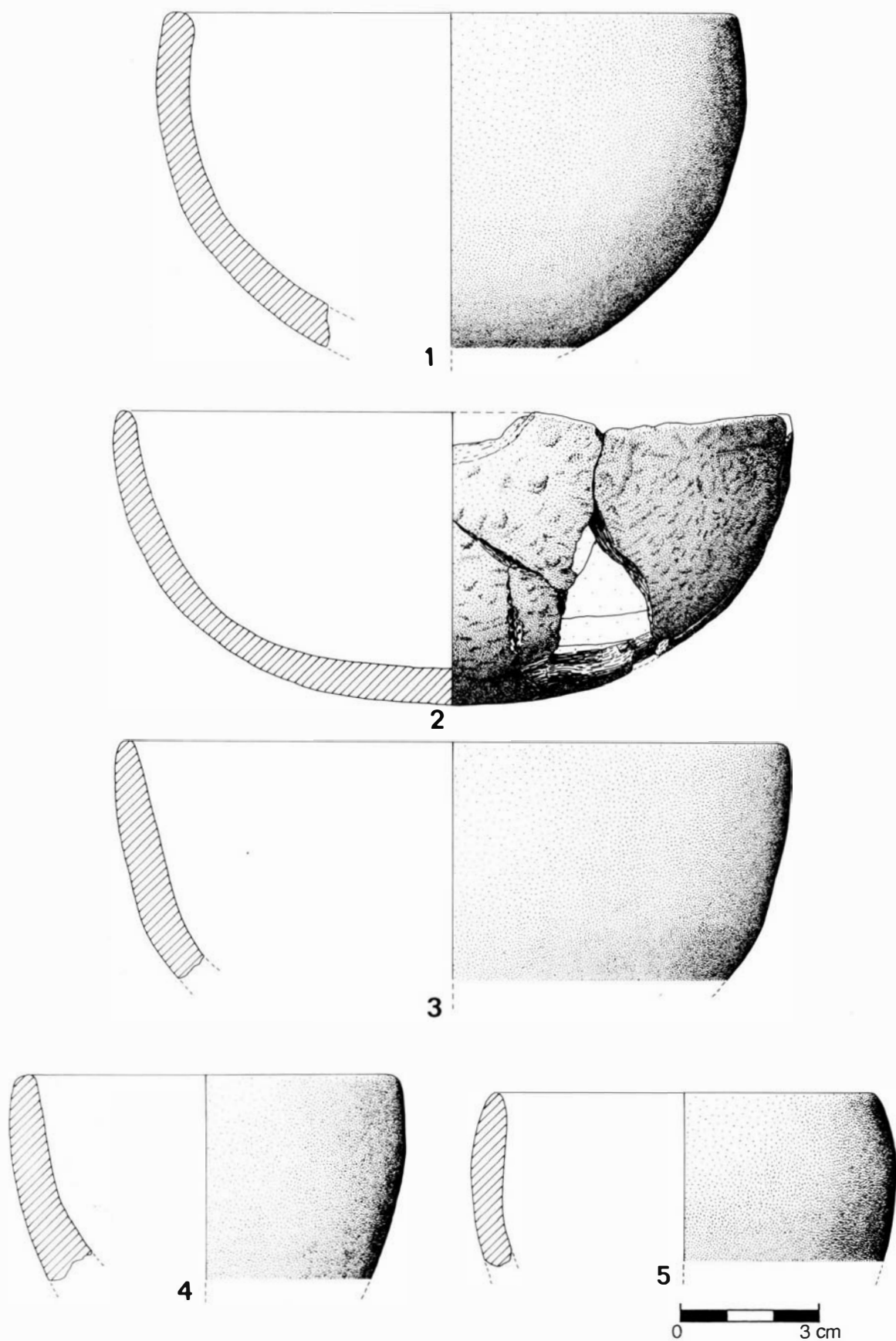


Fig. 52 – *Tholos* da Tituaria – Conjunto de taças e de esféricos lisos: 1 (Fig. 5, nº. 22); 2 (Fig. 6, nº. 79); 3 (Fig. 4, nº. 11); 4 e 5 (do crivo).

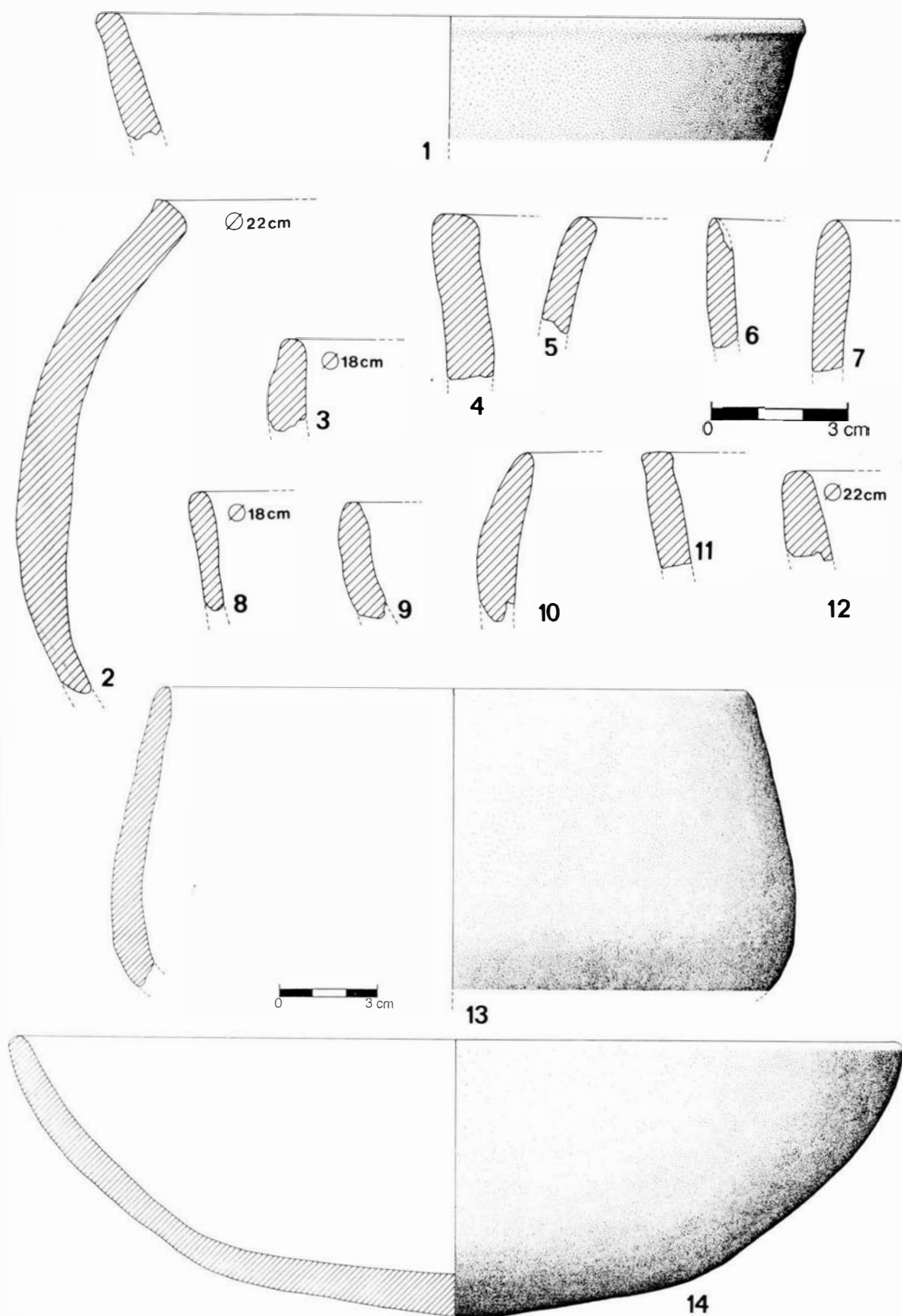


Fig. 53 – *Tholos* da Tituaria – Conjunto de taças e de esféricos lisos. Todos recolhidos no crivo, exceptuando-se o n.º. 13 (Fig. 6, n.º. 87).

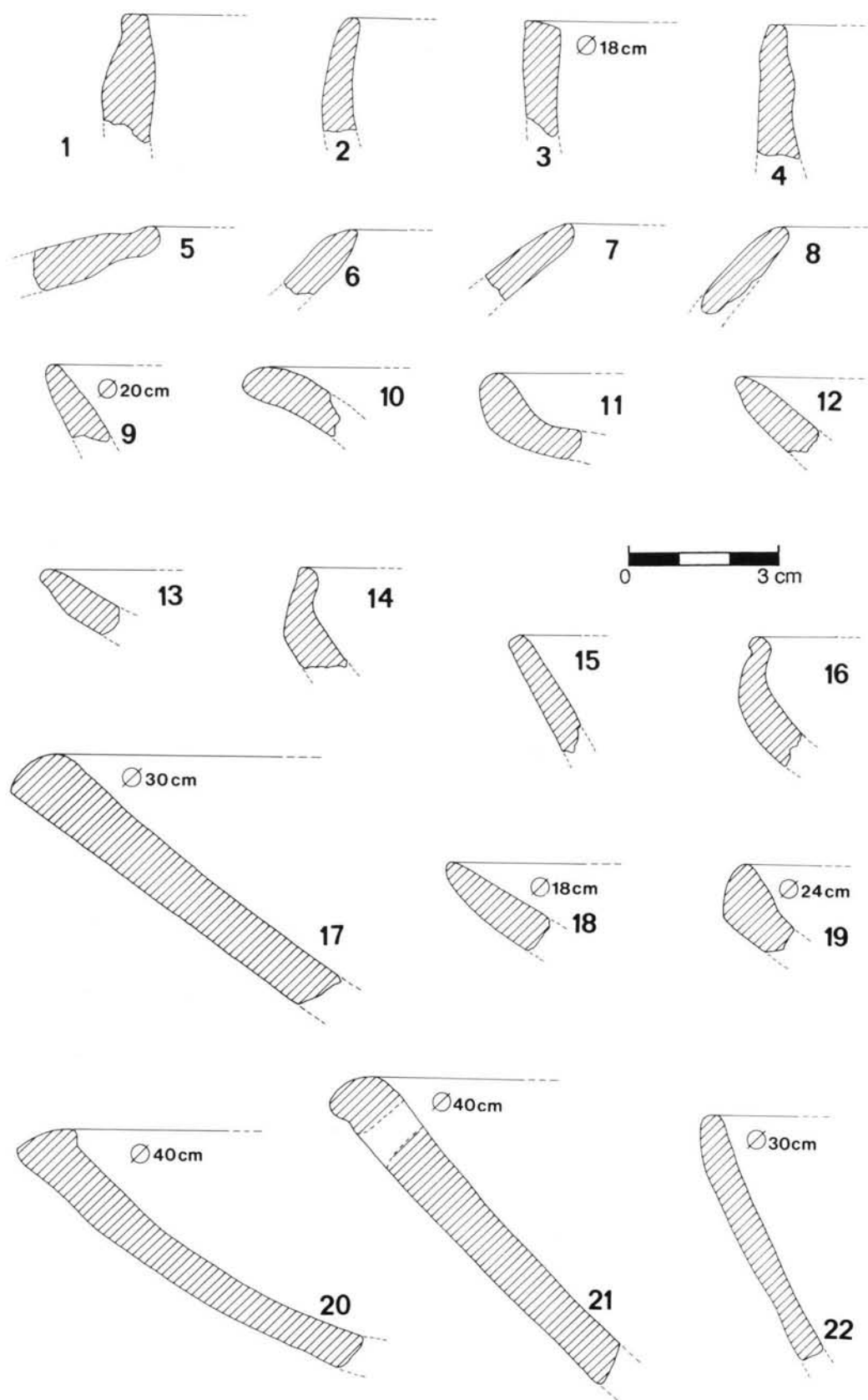


Fig. 54 – *Tholos* da Tituaria - Conjunto de recipientes lisos, todos reduzidos a fragmentos, recolhidos no crivo. Salienta-se o exemplar de bordo em aba (n.º 10) e as taças carenadas (n.ºs 11 e 14).

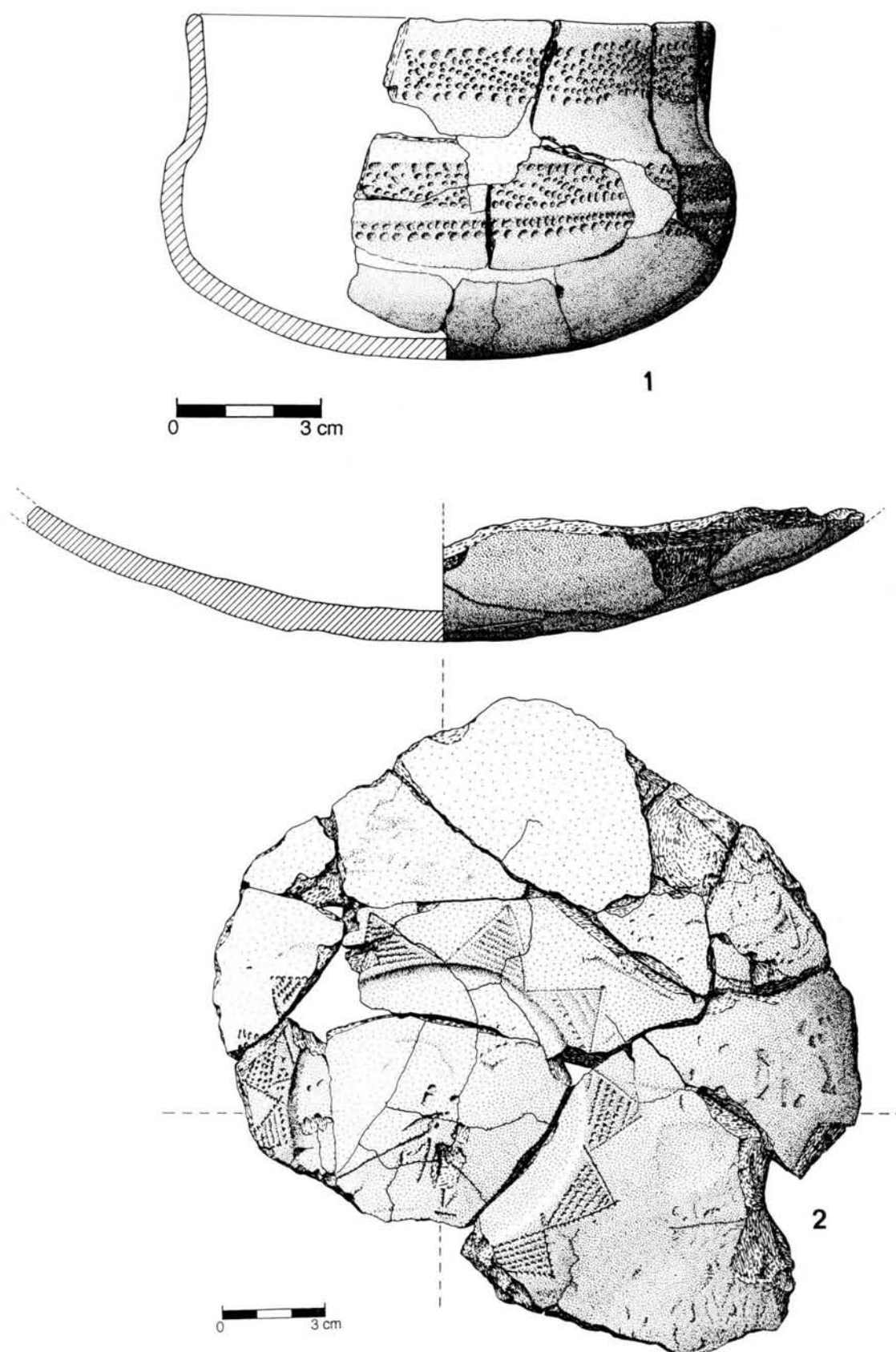


Fig. 55 – *Tholos* da Tituaria – Cerâmicas campaniformes. 1 - pequena caçoila de ombro decorada a ponteado (Fig. 5, nº. 38); 2 - fundo de grande taça baixa, com *omphalus* cercado de decoração estrelada, a ponteado (Fig. 4, nº. 16).

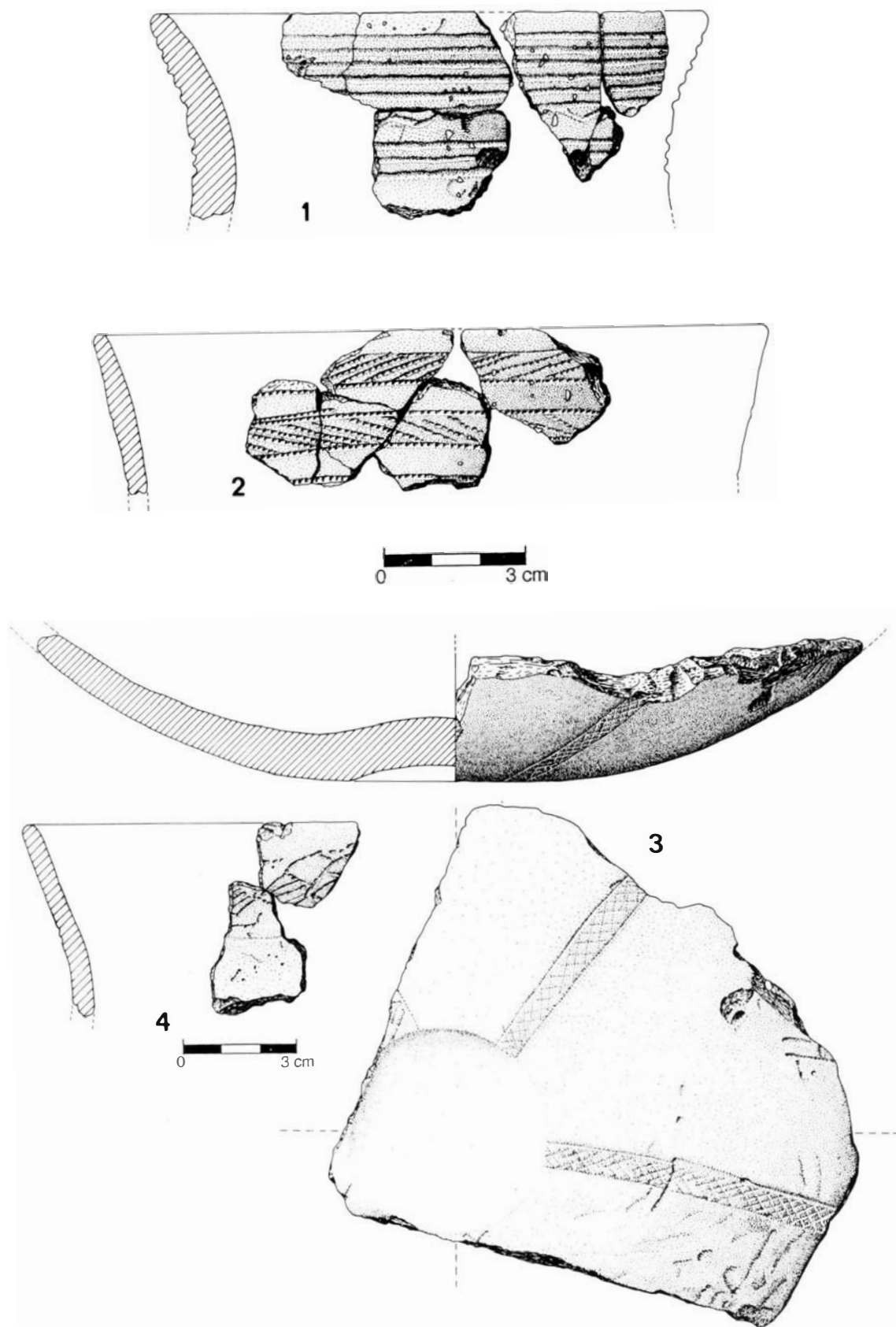


Fig. 56 – *Tholos* da Tituria - Cerâmicas campaniformes. 1 - vaso campaniforme inciso (Fig. 6, nº. 48); 2 - vaso campaniforme “marítimo”, decorado a ponteados (Fig. 5, nº. 36); 3 - fundo de taça com *omphalos* e decoração incisa de cervídeos, (Fig. 3, nº. 7). Mesmo exemplar da Fig. 58; observam-se as patas dianteiras de um desses animais. 4 - vaso campaniforme decorado a ponteados (Fig. 6, nº. 42).

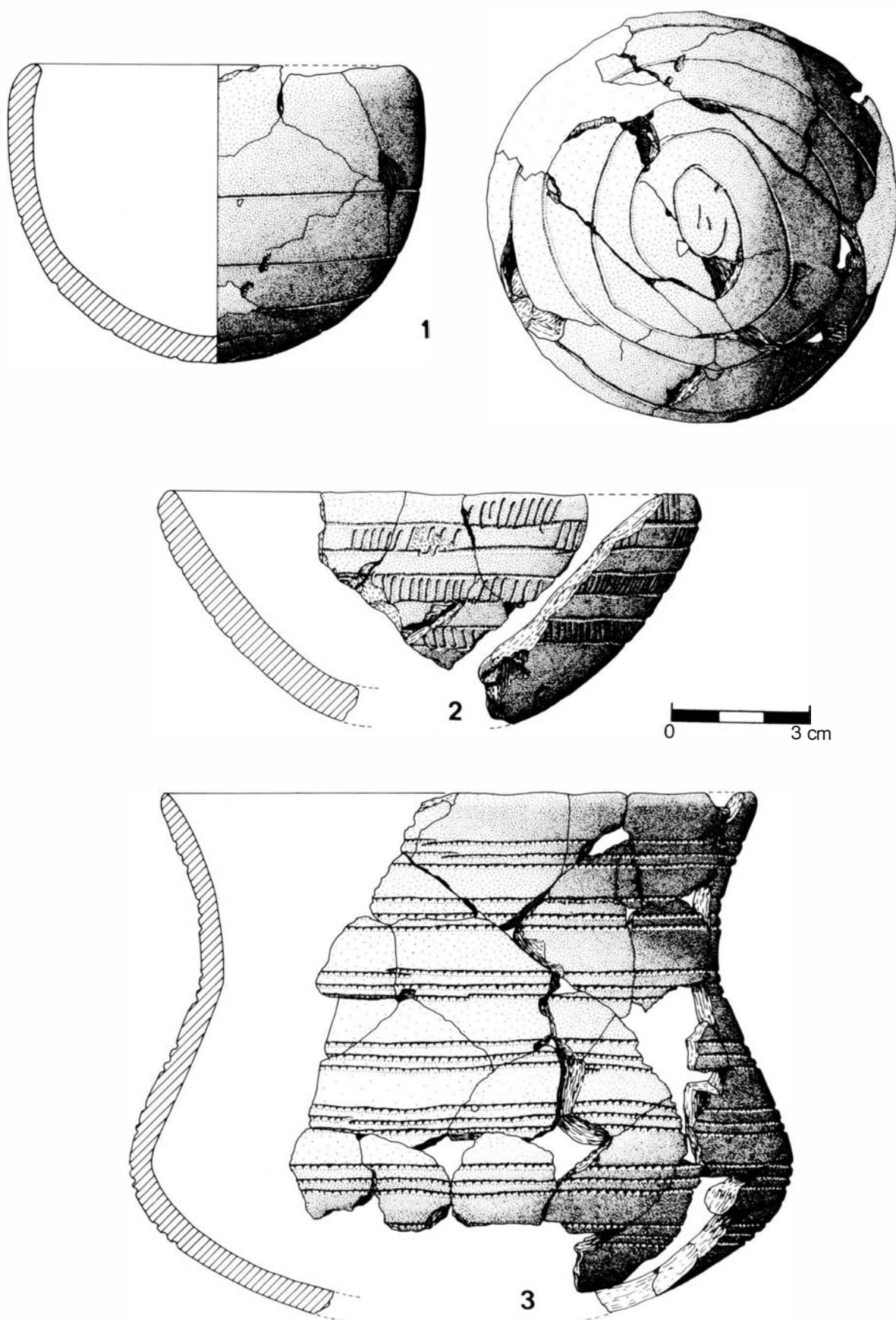


Fig. 57 – *Tholos* da Tituaria – 1 - pequeno esférico com espiral incisa (Fig. 2, nº. 4); 2 - taça em calote com decoração campaniforme incisa (Fig. 25 e Fig. 5, nº. 31); 3 - vaso campaniforme com decoração “internacional” a ponteados (Fig. 27 e Fig. 4, nº. 14).

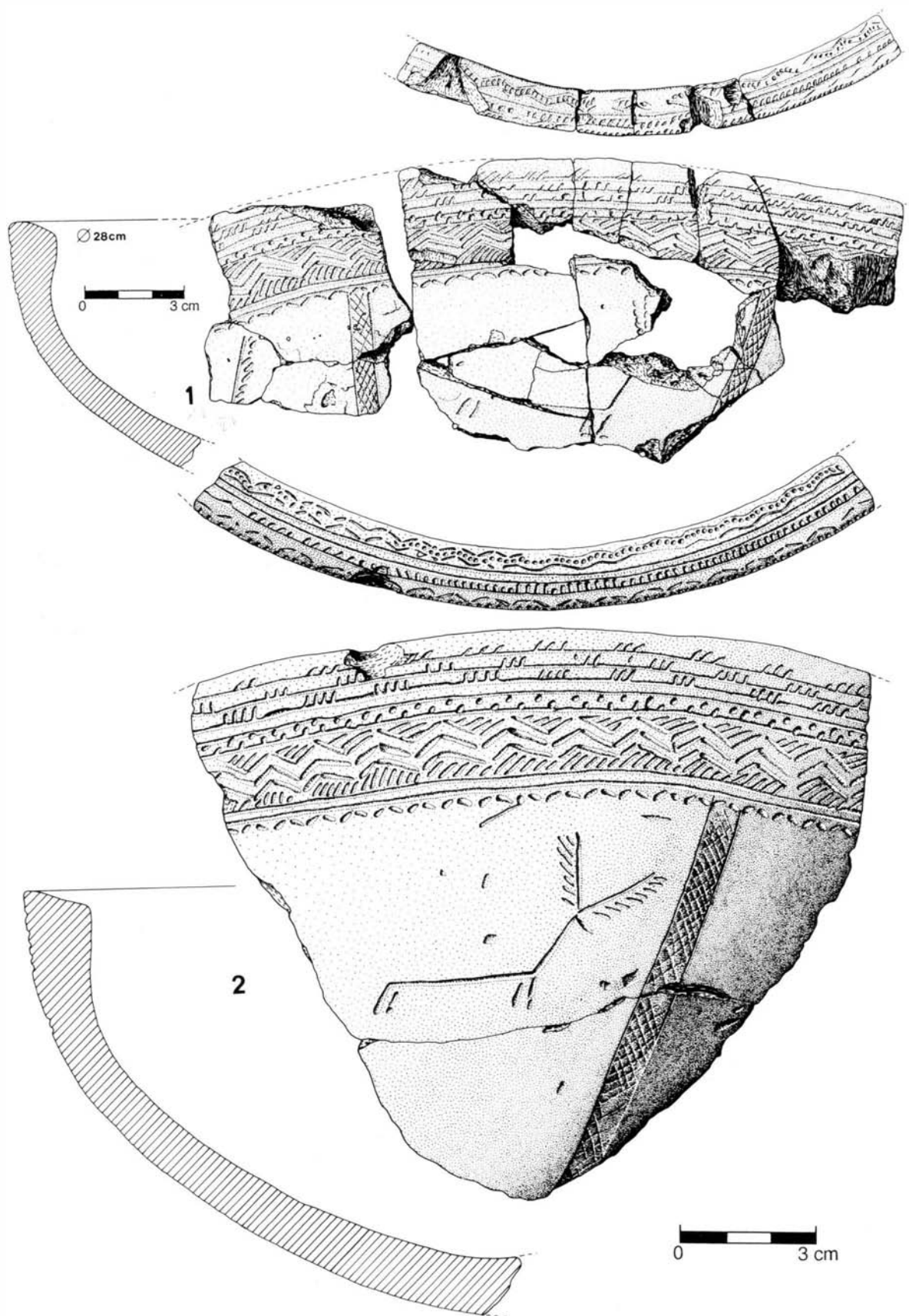


Fig. 58 – *Tholos* da Tituaria – Grande taça campaniforme com decoração incisa, incluindo cervídeos; ver Fig. 56, nº. 3 (Fig. 3, nº. 7).

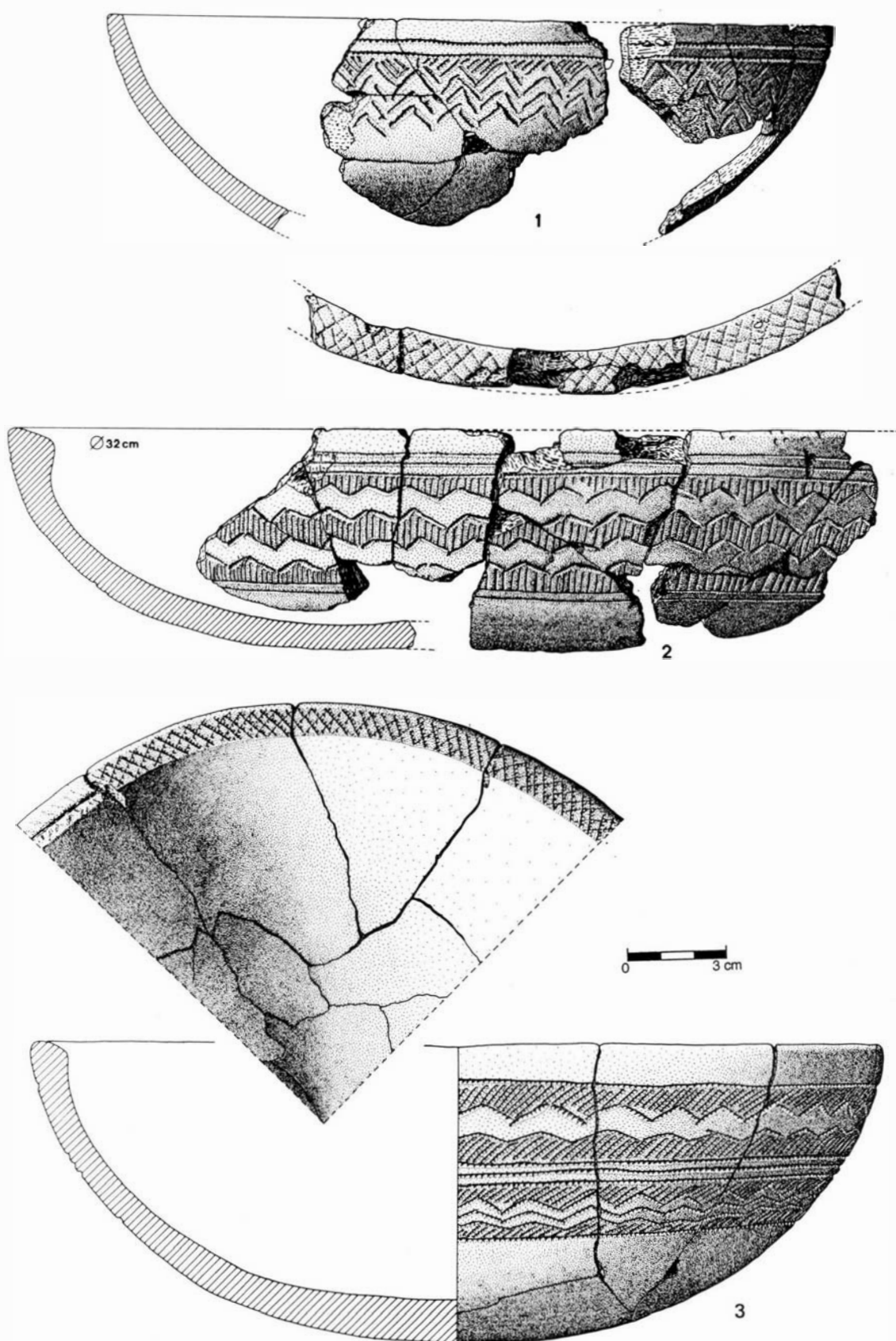


Fig. 59 – *Tholos* da Tituaria - Taças com decorações campaniformes. 1 - taça em calote com decoração a ponteados (Fig. 26; Fig. 5, nº. 37); 2 - grande taça tipo Palmela com decoração incisa (Fig. 6, nº. 50); 3 - taça tipo Palmela completa, com decoração a ponteados (Fig. 23; Fig. 6, nº. 52).

35 (1), 1993, p. 25-33) conduziu à intersecção em 2480 cal BC, a que corresponde os seguintes intervalos (calibração efectuada por A. Monge Soares, a quem se agradece):

- para 1 sigma: 2580 - 2460 cal BC;
- para 2 sigma: 2850 - 2820 cal BC, 2660 - 2640 cal BC, 2620 - 2320 cal BC.

7 - CONCLUSÕES

Algumas conclusões são de realçar no concernente ao importante conjunto funerário exumado no *tholos* da Tituaria (Moinhos de Casela, Mafra):

1 - A escavação, efectuada no Verão de 1978, veio contribuir para o conhecimento das associações artefactuais e rituais funerários da Estremadura, pré-campaniformes e campaniformes.

2 - O primeiro nível corresponde às deposições mortuárias coevas dos construtores do sepulcro. Estas efectuaram-se apenas na câmara, não atingindo o corredor, ao nível do chão primitivo do interior. No decurso da escavação, recolheram-se indícios de que o espólio deste nível se concentrava ao longo da base da parede da câmara, prova de terem os cadáveres sido ali depositados, acompanhados das respectivas oferendas.

3 - Um nível intermédio, correspondente aos derrubes da falsa cúpula, possuía as primeiras sepulturas campaniformes concentradas no quadrante SE da câmara.

4 - Evidenciou-se uma violação da câmara, correspondente à ausência de espólio em mais de metade desta, efectuada antes da ocupação campaniforme, mas já depois da queda da falsa cúpula.

5 - A intensa erosão, actuante antes e, sobretudo, depois do desmoronamento da falsa cúpula que cobria a câmara do monumento, foi responsável por importante rebaixamento do solo, conduzindo ao quase desaparecimento do *tumulus* e, no interior do monumento, à remobilização dos materiais votivos ali depositados. Enfim, a acção de pesquisadores de tesouros, justificada pelo aparecimento, a pouca profundidade, de restos de possível diadema, em folha de ouro, contribuiu para acentuar os remeximentos naturais anteriormente produzidos. A presença de violadores antigos é situação bem conhecida em outros contextos idênticos. Tal é o caso do *tholos* de Pai Mogo (Lourinhã) e do monumento 7 de Alcalar.

6 - Ulteriormente, a escolha da câmara e de parte do corredor para instalação da necrópole campaniformes, levou à abertura de sepulturas individuais, escavadas ao nível de derrube da falsa cúpula, então já completamente desmoronada, proporcionando, outrossim, o aproveitamento de lages, utilizadas na estruturação das sepulturas. Tais sepulturas possuíam, nalguns casos, o chão forrado de lages, sendo por vezes abertura destas estruturas contribuiu para aumentar o estado de remeximento do espólio no interior do monumento, especialmente o da câmara, já que o corredor foi apenas utilizado no decurso da última fase de utilização do sepulcro.

7 - Não obstante as acções mecânicas, naturais e artificiais, supra referidas, os dois níveis arqueológicos principais puderam ser identificados por associações artefactuais globalmente diferentes, que importa valorizar. Assim, o nível inferior é caracterizado pela presença de ideoartefactos de calcário, avultando no superior e, especialmente, no corredor, as cerâmicas campaniformes. Pelo menos, foram identificados 4 vasos marítimos, 1 caçola de ombro baixa, 1 taça tipo Estoril, 6 taças tipo Palmela e 2 taças em calote, a que correspondem 10 ocorrências de decoração pontilhada e apenas três à técnica incisa. Tal situação, sugere uma presença campaniforme relativamente recuada, reforçada pela abundância de vasos campaniformes, dois deles com decorações "internacionais".

8 - A escolha por portadores de cerâmicas campaniformes do monumento para necrópole, dando assim continuidade à sua utilização, só reforça a poderosa carga simbólica que aquele ainda detinha, mesmo depois de destruída a falsa cúpula que o cobria. O seu reaproveitamento sugere que a eclosão do fenómeno campaniforme não terá sido acompanhado de significativas transformações ao nível da super-estrutura religiosa; embora sejam diferentes os ritos, com o surgimento das inumações individuais, continuou-se a privilegiar os espaços colectivos anteriormente construídos (caso dos *tholoi*, antas e hipogeus) ou simplesmente ocupados (caso das grutas naturais).

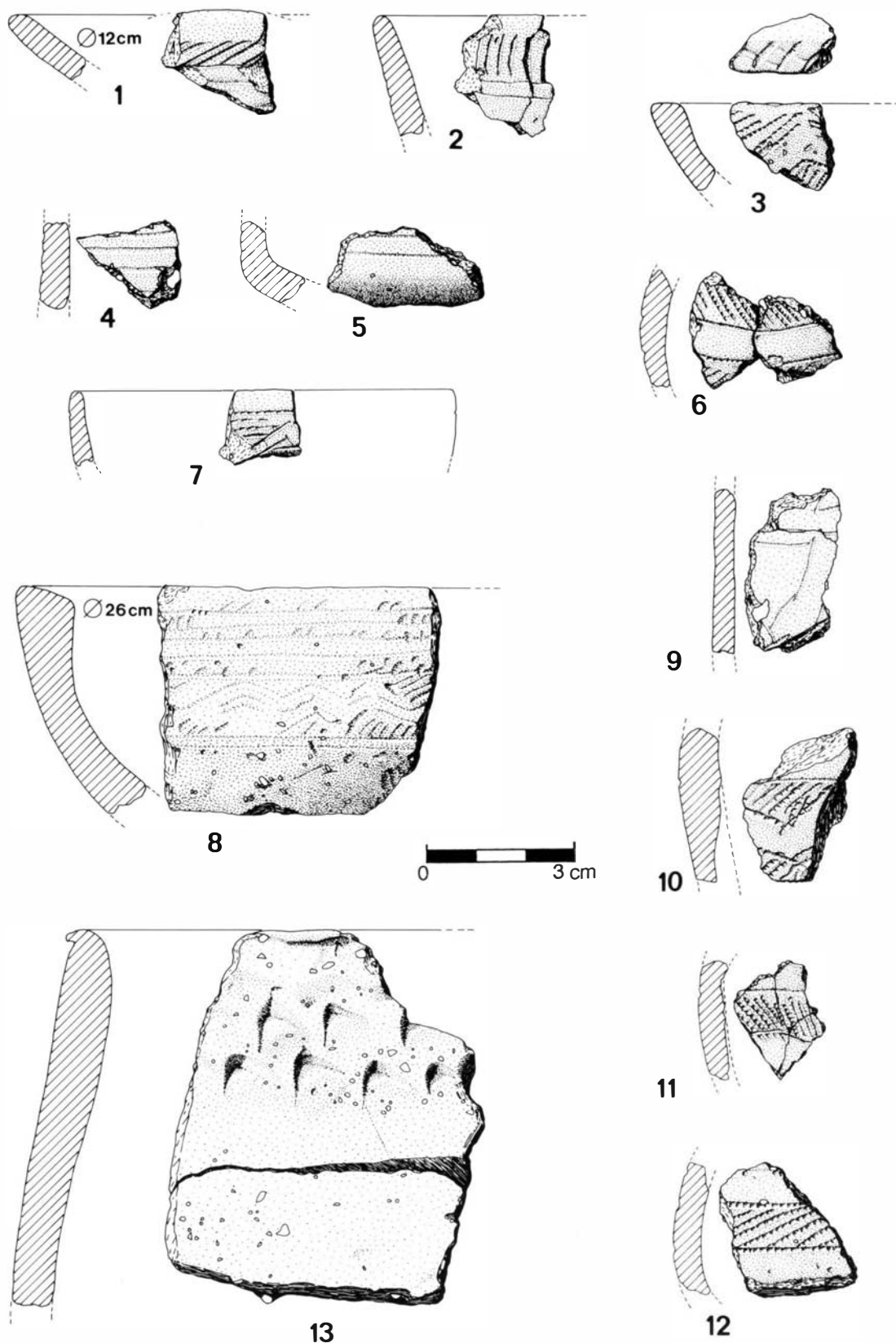


Fig. 60 – Tholos da Tituaria – Cerâmicas impressas e campaniformes, decoradas a ponteado, ou incisas. Destaque para: 3 - pequena taça tipo Palmela (n.º 3), recolhida no local indicado na Fig. 3, n.º 8; 6 - fragmento de vaso “marítimo” (Fig. 6, n.º 43); 7 - pequena taça em calote decorada a ponteado (Fig. 5, n.º 41); 8 - taça tipo Estoril, muito erodida, decorada a ponteado (Fig. 6, n.º 41A); 10 - fragmento de vaso “marítimo” (Fig. 6, n.º 44); 13 - vaso cilíndrico com decoração impressa espatulada (Fig. 5, n.º 23). Os restantes fragmentos provêm do crivo.

9 - Admitindo que a orientação do corredor do monumento se abria para nascente, como é usual nas sepulturas colectivas calcolíticas, e tendo em consideração o valor obtido, correspondente ao azimute de 102,8°, é lícito aceitar-se que a sua construção ou, ao menos, a definição da respectiva planta, se terá efectuado em período de tempo curto, no decurso do mês de Fevereiro ou no de Outubro, altura em que a nascer do sol corresponde o valor azimutal encontrado.

8 - AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Arqueologia do IPPAR, na pessoa do Dr. Fernando Real, por ter financiado (J.L.C.) uma datação de radiocarbono por AMS, em Oxford, ao abrigo de protocolo entre aquela Instituição e o Research Laboratory for Archeology and the History of Art.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, João Luís; LEITÃO, M. & FERREIRA, O. da Veiga (1987) - Nota acerca de uma conta-amuleto encontrada no *tholos* da Tituaria (Mafra). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 5, p. 89-99.

CARDOSO, J. L. *et al.* (1992) - A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 89-225.

CARRILERO MILLÁN, M. & SUÁREZ MÁRQUEZ, A. (1995) - Excavaciones arqueológicas en Ciavieja (El Ejido, Almería). Nuevas aportaciones al comienzo de la metalurgia en el Sudeste de la Península Iberica. *Trabalhos de Arqueologia*, 7, p. 199-215.

FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. H. (s/d) - *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Publicações Europa-América. Mem-Martins.

FERREIRA, O. da Veiga; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; SOUSA, H. Reynolds de (1975) - Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 59, p. 107-192.

FORNI, G. (1989) - Evidences for a "protobreeding" of Red Deer. Red deer as a "domesticoid" animal. *Archaeozoologia*, 3 (1/2), p. 179-190.

GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1973) - *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.

GONÇALVES, J. L. Marques (1982/83) - Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*, I-II, p. 29-58.

GONÇALVES, V. S. (1992) - Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz. *Cadernos da Uniarg*, 2. Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa.

HELENO, M. (1933) - *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa.

HELENO, M. (1942) - Gruta artificial da Ermegeira. *Ethnos*, 2, p. 449-460.

HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C. & CHAMBINO, M. (1993) - *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, 3. Associação de Estudos do Alto Alentejo. Vila Velha de Ródão.

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme au Portugal*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal (N.S.), 12. Lisboa.

LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa.

LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, L., FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1984) – The prehistoric burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. In *L'Âge du Cuivre européen* (J. Guilaine, ed.). CNRS, Centre de Publications de Toulouse, p. 221-239.

PAÇO, A. do (1940) – Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro. *Congresso do Mundo Português*, 1, p. 235-249.

PEREIRA, M. A. Horta & BUBNER, T. (1974/77) – Novos materiais de Palmela. *O Arqueólogo Português*, S. III, 7/9, p. 113-124.

SANTOS, M. Farinha dos & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*, S. III, 3, p. 37-62.

VAULTIER, M.; ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 111-116.